

C A P I T U L O I  
O SELO POSTAL, SUA HISTORIA, SEU VALOR  
E SEU COMERCIO

Desde as mais antigas civilizações muito antes da nossa era Cristã, assim que surgiu a escrita, existem os correios transportando e entregando mensagens escritas pelo mundo inteiro. Das tablitas e papiros até a nossa atual correspondência o seu transporte e entrega sempre foram serviços de suma importância tanto para as sociedades em geral como para o homem, pois a comunicação é vital em todos os aspectos da existência coletiva e individual.

Antes de tornar-se esta máquina gigantesca e quase perfeita que temos hoje, os correios passaram por várias fases de evolução com diferentes sistemas de trabalho e organização. Particulares ou públicos, como foram todos se tornando no decorrer dos séculos, qualquer que fosse a espécie do correio para uso da sociedade, houve esta constante: todo transporte e entrega de correspondência tinha que ser pago. Assim, o selo postal, tal como o temos agora, é uma decorrência da evolução do sistema de arrecadação tarifaria dos correios públicos. Foi criado na Inglaterra, por Rowland Hill, o então secretário geral dos Correios, em 1840, com a finalidade de simplificar e controlar o pagamento do porte da correspondência.

Antes da criação do selo postal, a tarifa era paga pelo destinatário. Devido a falta de tecnologia e de tantas outras facilidades advindas do progresso e do enriquecimento das nações, os serviços prestados pelos correios eram caros. O porte de uma carta não era tão barato como é agora e, por incrível que pareça, as pessoas também tinham menos dinheiro do que atualmente. Assim, quem recebia uma carta, às vezes, nem podia pagar por ela e, dependendo do remetente recusava-se a recebê-la. Acontecia também que amigos, parentes ou namorados faziam determinadas combinações entre si e conforme o preenchimento do envelope, já se apresentava toda a mensagem, tornando-se então desnecessário receber e abrir a carta para conhecer o seu conteúdo. Dessa forma, uma grande parte da correspondência era recusada pelos destinatários.

Conta-se que, Rowland Hill, em 1836, a passeio pelos campos da Escócia, assistiu a uma cena bastante comum naquela época. Um

carteiro e uma jovem camponesa discutiam porque a moça recusava-se a pagar o porte de uma carta sem antesvê-la. O carteiro hesitante, acabou por mostra-la a moça que, pegando-a nas mãos, passou a examina-la atentamente. Logo apss, informou-se do preço do porte e, assim que o carteiro lhe fez saber o valor da taxa, entregou a carta ao homem dizendo-lhe ser demasiadamente pobre para pagar tal quantia, recusando-se definitivamente a receber a tal carta.

Rowland Hill, preocupado, pensando que a carta pudesse conter alguma notícia importante para a jovem, aproximou-se oferecendo-se para pagar o porte. A camponesa agradeceu mas continuou insistindo em sua recusa.

Rowland Hill, diante da firme decisão da moça, ficou bastante intrigado e procurou obter dela o verdadeiro motivo de sua veemente recusa. Tanto fez, que acabou obtendo a confirmação de uma velha suspeita sua em relação ao grande volume de cartas recusadas pelos destinatarios:

"Senhor - confessou a jovem ruborizada - não ha nada escrito no interior da carta que tendes visto e que me é endereçada de Londres. Somos tão pobres, meu noivo e eu, que tivemos de procurar um meio de nos corresponder sem gastar um penny. Pequenos sinais bem conhecidos por nss dois, bastam para nos correspondermos, dispensando-nos de pagar uma taxa demasiadamente elevada para a nossa pouca bolsa."

Esses sinais estavam no envelope. Um círculo queria dizer "eu te amo"; uma barra, "eu estou doente"; uma cruz, "beijo-te", etc.

Esta conversa com a jovem camponesa, fez Rowland Hill pensar muito a respeito do assunto, até chegar à conclusão sobre a necessidade de modificar todo o sistema vigente e, assim estudou uma reforma para os correios que, mais tarde, depois de elaborada em tese, apresentou ao Parlamento Inglês.

Esse sistema de fazer o porte ser pago pelo destinatario também era falho porque carecia de meios para exercer um controle eficaz sobre o recebimento das tarifas pelos carteiros, que podiam tomar para si uma boa parte do dinheiro arrecadado sem que se desse falta do mesmo. Outro grande problema eram os salteadores; como os carteiros andavam com bastante dinheiro nos bolsos devido ao recebimento das tarifas ao entregar as cartas, eram constantemente assaltados nas estradas.

Tendo em vista todas as dificuldades

decorrentes da ineficiente sistema de arrecadação tarifaria, Rowland Hill apresentou ao Parlamento Inglês a sua proposta para a reforma dos Correios com sistema de selos pagos pelo remetente ao expedir a carta. Em agosto de 1839, após grandes debates, a Câmara dos Comuns votou o Penny Postage Act que previa a tarifa uniforme de um penny, a menor unidade monetária inglesa.

Em 6 de maio de 1840, foi posto em circulação o primeiro selo postal, o famoso Penny Black. Realmente, um selo muito bonito e elegante, representando a efigie da Rainha Vitoria. Um delicado trabalho de impressão em preto sobre fundo branco.

Logo constatou-se a praticidade do uso do selo postal e o sistema foi sendo adotado pelos outros países. Existe uma grande divergência de opiniões a respeito do segundo país a emitir o selo postal. Alguns dão tal crédito à Suíça, pois, em 1843, o Cantão de Genebra e o Cantão de Zurique emitiram selos alguns meses antes do Brasil. Entretanto, um selo de Cantão ou Cantonal é considerado selo local usado apenas por uma região do país para a correspondência que circula apenas nessa região. Um selo de Cantão não é uma instituição nacional como no caso do selo postal brasileiro que foi emitido com a finalidade de pagar o porte da correspondência em todo território nacional.

Em 1845, Cantão de Basileia na Suíça;  
Em 1847, emitem: Estados Unidos e Ilhas Mauricius;  
em 1848, Bermudas;  
em 1849, França, Bélgica e Baviera;  
em 1850, Espanha, Nova Galles do Sul, Vitoria, Suíça, Áustria, Lombardia-Veneza, Saxônia, Guiana Inglesa, Prússia, Slesvig-Holstein e Hannover;  
em 1851, Sardenha, Dinamarca, Toscana, Canadá, Trindade, Baden, Nova Escócia, Nova Brunsvique, Hawaii e Wuttemberg;  
em 1852, Holanda, Estados Pontifícios, Barbados, Parma, Modena, Índia Inglesa, Província de Scinde, Alemanha, Thurn, Taxis, Brunsvique, Luxemburgo, Oldemburgo e Reunião;  
em 1853, Portugal, Chile, Cabo de Boa Esperança e Tasmânia;  
em 1854, Filipinas e Australia Ocidental;  
em 1855, Australia do Sul, Noruega, Bremen, Cuba, Suécia e Antilhas Dinamarquesas;  
em 1858, a Rússia;  
em 1863, a Turquia;  
em 1876, o Japão;  
em 1878, a China.

E, dessa maneira, no correr dos anos, todos os demais países foram aderindo ao uso do selo postal.

Para se ter uma idéia de quanto o selo postal veio contribuir para o desenvolvimento da comunicação, uniformizando e barateando os portes e facilitando assim o intercâmbio postal, basta analisar a revolução que ocorreu no volume da correspondência na Inglaterra, logo no seu primeiro ano de existência. Em 1839, os Correios Ingleses transportaram 50 milhões de cartas; em 1840, com a emissão do primeiro selo e o seu uso na correspondência, as cartas transportadas aumentaram para 170 milhões.

Aqui no Brasil, a nossa primeira emissão foi uma série de três selos com os números de seus respectivos valores tarifários: 30, 60 e 90 réis como motivo único, impresso em negro sobre o branco. São os chamados "Olhos de Boi". A seguir, tivemos uma outra série, também tendo números como motivo e, que hoje, são conhecidos como "Inclinados", porque os algarismos, também impressos em negro sobre o branco, estão inclinados para a direita. Os conhecidos como "Olhos de Cabra" vieram em seguida, também com algarismos negros impressos sobre o branco.

É bastante comum os leigos imaginarem que os "Olhos de Boi" são os selos mais raros e caros do mundo. Na verdade, fala-se muito neles, mas não são nem os mais raros nem os mais caros dos selos do Brasil e, muito menos do Mundo. Poderíamos dizer que brilham como grandes estrelas em confronto com outras gigantescas, de valor incalculável na vastidão do firmamento.

Outro erro também muito freqüent é pensar que todos os selos antigos são raros e caros. Há uma quantidade imensa de selos antigos que custam muito menos do que os selos emitidos atualmente. Certamente, os selos mais caros são antigos» mas isso não quer dizer que todos os selos antigos sejam caros. O valor de um selo é determinado pela quantidade de sua emissão ou pela quantidade de espécimes ainda existentes ou conhecidas. Nessa determinação de valores, entram outras variáveis que irão influir na cotação de um selo: importância da moeda do país emitente; quantidade do selo disponível no mercado; demanda de selo. Os catálogos dão uma idéia do valor dos selos e, é em torno dessa idéia que serão feitos os preços em função do mercado local. É evidente que os selos que valem muito no mercado internacional, irão também valer muito no mercado local. Há, porém, muitos selos que têm um valor alto no mercado local e um valor menor no internacional.

Nesse jogo de valores tão mutáveis, uma regra pode ser considerada básica: o selo sempre tem mais valor no país de origem, onde a sua procura é muito maior. Os selos do Brasil valem mais aqui do que em qualquer outro país, porque, nos outros países, não se inter-

ressam tanto em colecionar-los como aqui, da mesma forma que, o nosso interesse pelos selos estrangeiros é menos do que pelos selos nacionais.

Os valores do mercado internacional são ditados pelos grandes centros filatélicos da Europa e Estados Unidos onde existem importantes leilões, nos quais participam compradores do mundo inteiro e famosas lojas que fornecem selos para clientes espalhados por todo globo terrestre. Com o conhecimento do interesse e demanda geral pode-se fazer comparações e estabelecer parâmetros de valor.

Se pegarmos o catálogo de selos de um país, veremos que >: poucos selos têm um valor exorbitante, geralmente as primeiras emissões e algumas variedades. São selos que fazem parte de coleções milionárias e, de vez em quando, aparecem em algum leilão de luxo. Podemos estar certos de que tais selos não estão naquela coleção que o tio herdou do bisavô e que, por obra do destino, acabou vindo parar em nossas mãos. Alguns desses selos são tão raros que nem a própria Rainha Elisabeth os tem na coleção.

Voltando ao catálogo, notaremos que há mais ou menos 3% de selos muito caros, geralmente entre os antigos. Na coleção do bisavô e do tio pode ter uns dois ou três deles, bem estropiados. Prestando mais atenção no dito catálogo, descobriremos de 5% a 7% de selos caros. Os poucos que encontraremos naquela nossa querida coleção evidentemente estarão em péssimo estado. No catálogo, acharmos mais uns 10% de selos de médio para caro; 2º % de selos de preço médio; 30 % de selos de valor médio para baixo e, todo o restante não vale quase nada. Destes, a coleção que pensávamos ser uma mina de ouro, está cheia. São muito antigos, tem jeito de coisa cara, mas existem as toneladas; são baratinhos e, se quisermos vendê-los, ninguém os irá comprar.

A grosso modo, poderíamos dizer que o conjunto de todas as emissões de um determinado país é como uma escola de samba. Tirando os carros alegóricos, as figuras de destaque, a bateria, a comissão de frente, a porta-

estandarte e o mestre-sala, todo o resto, aquela multidão que entope a avenida, é mera figuração que só aparece no conjunto. Podemos considerar baratos todos os selos que custem o equivalente a um porte simples. Um porte simples é o valor mínimo que se paga por uma carta até 10 gramas, para ser entregue em território nacional. É inadmissível que um selo antigo ou moderno, custe menos do que isso.

Para o filatelista verdadeiro, qualquer selo é muito importante e tem o seu valor por ser um elemento necessário à coleção. Cada selo, por mais barato que seja, tem o seu lugar certo numa coleção; como uma pequena peça de um imenso quebra-cabeça. Sem ele, fica um vazio e não se pode dizer que a coleção esteja completa, mesmo que nela haja outros selos muito mais valiosos. A diferença entre um filatelista e um investidor é que, o primeiro tem amor aos selos e sente prazer em possuir qualquer tipo de selo independente do seu valor, enquanto que, o investidor só se interessa em possuir os selos que têm valor e mercado aberto para a realização imediata de tal valor. O investidor não ama os selos e sim o dinheiro que eles representam.

São poucos, porém, aqueles que realmente sabem investir em selos. Somente alguns selos de cada país e, apenas dos países importantes, como os da Europa Ocidental e Estados Unidos, têm realmente características de investimento no mercado internacional. Tais selos têm valor porque são considerados peças-chave de uma coleção e, são muito procurados por todos os colecionadores. Geralmente, estão na faixa dos selos de preços que vão de médio para caro e os caros. Os muito caros e os caríssimos não têm quase procura; portanto são difíceis de serem negociados no momento em que se quiser transformá-los em dinheiro. Existe também o grande problema das falsificações ou dos selos recondicionados que perdem totalmente o seu valor, o que torna muito difícil saber escolher e comprar um selo desse quilate. Apenas os grandes negociantes da Europa ou dos Estados Unidos têm interesse em comprá-los, se realmente forem autênticos e estiverem em bom estado, pagando por eles uma parte do seu valor individual. Tal procedimento decorre da dificuldade que haverá em vender o selo futuramente a algum colecionador; o selo poderá ficar guardado durante anos ou ir a leilão varias vezes sem ser arrematado. Já os selos caros e os de preço médio para cima são vendidos rapidamente; existem até filas de espera junto aos negociantes para adquiri-los e, devido a grande procura, podem ser vendidos por preços mais altos do que o seu valor de catálogo. Os selos

de preço médio para baixo dificilmente terão alguma valorização real, pois existem em grandes quantidades e todos os colecionadores adiantados já os possuem. Eles ficarão à espera daqueles, que estão iniciando as coleções, em estoques enormes, que serão vendidos vagarosamente e com muito trabalho de organização.

Tanto o comércio deselos como o colecionismo começaram praticamente juntos no período inicial das emissões de selos. O primeiro comerciante de selos foi o belga Jean-Baptiste Moens, que é também considerado o pai da Filatelia, pois logo em 1852 estabeleceu-se comprando e vendendo selos e moedas. Foi também o editor do primeiro catálogo ilustrado e da primeira revista filatélica mensal. Moens, como os demais comerciantes que surgiram logo no início, eram colecionadores. As primitivas transações não passavam de mera troca, entretanto havia também muita gente que desejava adquirir selos sem ter outros para trocar e, dessa forma, surgiu a compra e a venda dos selos, estabelecendo-se um comércio como qualquer outro.

Ainda hoje, existem grandes casas filatélicas que datam desse período; como a maior e a mais famosa do mundo, a Stanley Gibbons, fundada por Edward Stanley Gibbons. O jovem Edward começou a ocupar-se de selos paralelamente aos negócios da família que era proprietária de uma boa farmácia, em Plymouth, Inglaterra, no final da década de cinquenta do século dezenove. O seu insipientá comércio de selos deu tão bons resultados que logo após a morte do pai foi para Londres, onde se estabeleceu definitivamente no comércio filatélico e tornou-se editor de um dos melhores catálogos que também leva o seu nome. Mas a sua grande oportunidade, a verdadeira base de sua fortuna aconteceu ainda antes de se transferir para a capital quando comprou de dois marinheiros, pela quantia de cinco libras, um saco de viagem cheio de selos triangulares do Cabo da Boa Esperança. Os marinheiros ficaram muito satisfeitos com as cinco libras, pois haviam recebido os selos como prêmio de uma rifa comprada por um xelim. Mais satisfeito ainda ficou Gibbons que realizou com a transação, um lucro de 500 libras que, naquela época, representava uma quantia vultuosa. Em 1956, a Stanley Gibbons Ltda. celebrou o seu primeiro centenário e é a mais antiga empresa filatélica do mundo.

A não menos conhecida empresa filatélica norte-americana fundada pelo inglês John Walter Scott, também editor do famoso catálogo geral, o Scott, teve um começo bem peculiar.

Scott emigrou para os Estados Unidos levando consigo como único bem de valor, uma coleção de selos que vendeu por dez dólares a William P. Brown, que já estava estabelecido no comércio de selos e moedas desde 1860 em Nova York. Tempos depois, tendo já garantida a sobrevivência, Scott quis ingressar no comércio filatélico e numismático e, para tanto, voltou a procurar Brown, que lhe emprestou cem dólares em mercadoria para que pudesse começar os seus negócios. Com o correr dos anos, Scott edificou uma das mais sólidas e importantes empresas comerciais filatélicas e numismáticas do mundo.

Rowland Hill, ao criar o selo postal, não deve ter pensado que ao redor de um pedacinho de papel tão útil aos correios e seus usuários pudessem também girar tantos interesses e tantas paixões. E nem deve ter imaginado que estava fornecendo à humanidade uma das mais fascinantes e duradouras fontes de prazer.

## C A P I T U L O   I I

### PEQUENO HISTÓRICO, CONCEITO E CONSIDERAÇÕES

#### GERAIS SOBRE A FILATELIA ANTIGA E MODERNA

O hábito de colecionar coisas está integrado ao caráter do ser humano desde a Pré-História. Das pedras, conchas e sementes, às mais antigas coleções de que se tem notícia, o homem em sua marcha através dos séculos veio colecionando objetos das mais diversas espécies, simplesmente pelo prazer de possuí-los e organizá-los a seu gosto.

Assim sendo, filatelia não é arte, não é ciência e nem investimento, como pretendem alguns. Filatelia é um prazer. E, como tudo quanto proporciona prazer, quando é feito continuamente, de maneira sistemática e metódica, recebeu o nome de "hobby", filatelia é um hobby. E sendo um hobby, a filatelia só pode ser encarada e assumida com tal. Ninguém coleciona latas de cerveja com a intenção de vendê-las futuramente; ninguém passa dias e dias montando modelos trabalhosíssimos com a idéia de que um dia serão vendidos. Não se passa anos à anos percorrendo antiquários com a intenção premeditada de colecionar tesouros para depois vendê-los. Apenas vive-se o prazer de colecionar, de manter o tempo ocupado e principalmente de possuir as coisas de nossa predileção.

A filatelia é um hobby sadio e construtivo, com uma função própria para cada idade ou fase da vida. Educa o jovem, instruindo e disciplinando o espírito, ajuda o adulto a relaxar das tensões do dia a dia, ocupa o idoso, distrae o doente, enriquece o relacionamento familiar aproximando gerações diferentes ao redor de um gosto e de um objeto em comum, agrupa o solitário ao grupo de interesse, motiva o apático e tantas outras funções pode ter, conforme seja o momento do filatelista em questão.

Desde que os selos começaram a ser emitidos em 1840, uma quantidade enorme de pessoas começou a colecioná-los. Hoje, em pesquisa recente divulgada pela revista TIME, a filatelia surge como o maior de todos os hobbies, com milhões de adeptos espalhados por todas as partes do mundo.

Nos países desenvolvidos, a filatelia já está inteiramente incorporada à cultura da sociedade em geral e à tradição familiar desde o final do século passado. Quanto maior o nível de instrução do país, maior a quantidade de filatelistas. As crianças já aprendem a colecionar selos com os pais desde pequenas; pois em quase todas as famílias é hábito colecionar selos.

Bem no princípio, o colecionismo era bastante empírico e insipiente. Não havia um conjunto de regras e critérios para direcionar a filatelia. Os colecionadores iam juntando selos retirados da correspondência, trocando com uns e com outros os repetidos, tendo como único objetivo possuir a maior quantidade possível de selos diferentes. Com o aparecimento dos primeiros catálogos ainda no século passado, as coleções pouco a pouco tornaram-se mais regradas e seletivas. Como eram poucas as emissões, costumava-se fazer coleções universais; cujo objetivo era possuir todos os selos emitidos no mundo e arrumá-los separadamente por país em ordem de emissão.

Para tanto, usava-se o catálogo como guia, organizando os selos obtidos pela sequência numérica apresentada pelo catálogo. O catálogo é um elemento de suma importância na filatelia; pois traz todos os selos emitidos organizados em sequência numérica pela sua ordem de emissão que é determinada pela data em que o selo é posto em circulação. As antigas coleções tradicionais até a metade deste século, eram inteiramente regradas e direcionadas pelo catálogo e assim acabaram tornando-se rígidas, homogêneas e impessoais. Nessa ocasião surgiram também os primeiros álbuns especializados contendo, na mesma ordem estipulada

pelo catálogo, os clichês com a estampa do selo no lugar destinado a sua afixação.

Logo depois da Segunda Guerra, as emissões foram aumentando vertiginosamente, num ritmo cada vez mais acelerado e, hoje já não se pode mais pensar em fazer uma coleção universal no estilo tradicional. Ninguém que comece a colecionar selos agora, pode pretender ter todos os selos que já foram emitidos no mundo e, ao mesmo tempo, ir mantendo a atualização com todas as emissões recentes e futuras. Não há dinheiro, tempo e cabeça para isso e, muitos dos selos emitidos antigamente já não se encontram mais nas lojas especializadas, ou feiras de trocas.

Para que se tenha uma idéia do crescimento do universo filatélico, basta lembrar que em 1940, quando o selo completou seu primeiro século de existência, todas as emissões do mundo concentravam-se num único volume do **CATALOGO YVERT Et TELLIER**, editado na França. E hoje, o mesmo catálogo está sendo editado em sete grandes volumes, separados por continentes. E a tendência é do crescimento ser cada vez maior e mais rápido, porque as emissões são, sem dúvida alguma, como sempre foram, uma excelente fonte de divisas para os países e, todos eles, sem exceção precisam de cada vez mais dinheiro para manter as máquinas governamentais em funcionamento. Mas a procura pelos selos também aumenta no mesmo ritmo e as novas emissões vão sempre sendo absorvidas pelo mercado filatélico. Dentro de alguns anos, selos que hoje vemos se repetindo por ai em quantidades enormes, já a serão difíceis de se encontrar. Como hoje são difíceis os selos que há dez anos atrás estávamos enjoados de ver. O número de filatelistas também está aumentando rapidamente de alguns anos para cá e, quanto mais alto for o índice cultural do país, maior será o crescimento do colecionismo.

No pensamento retrógrado e bitolado, a grande quantidade de emissões é prejudicial à filatelia e as emissões recentes são encaradas com a preconceituosidade dos horizontes limitados e da falta de atualização daqueles que estagnaram no tempo e no espaço.

A mentalidade do filatelista moderno é outra. A cabeça é mais arejada e receptiva às inovações que vão ocorrendo. Os objetivos do filatelista moderno mudaram muito nos últimos anos. Ele já não se preocupa em possuir tudo quanto existe em matéria de selos. Tornou-se altamente seletivo e coleciona não só direcionado pelo catálogo, mas muito mais por suas próprias idéias e criatividade; os

objetivos das coleções são inteiramente individualizados e giram muito mais ao redor da qualidade e das afinidades, do que das quantidades. Para o filatelista moderno, a grande quantidade de emissões significa mais chances de opção e enriquecimento de suas coleções.

Como hoje o nível de instrução é muito mais elevado, é mais fácil para o colecionador entender que tudo no mundo tem um crescimento progressivo, que o aspecto das coisas se transforma no decorrer do tempo, que as modas vão mudando e que nada permanece estagnado. Para o filatelista atualizado, as transformações ocorridas no aspecto dos selos são perfeitamente comprehensíveis, não se pode pretender que um selo emitido hoje tenha o mesmo estilo que um do princípio do século. Toda a tecnologia evoluiu e os padrões estéticos passaram por inúmeras variações de acordo com as modas, os assuntos e os acontecimentos mudaram e se multiplicaram, dando motivo a uma imensa gama de emissões, que nem podiam ser imaginadas no passado. Além do mais, agora, vivemos o apogeu das artes graficas e do grande interesse do público pelo visual belo e luxuoso.

Quem chama um selo moderno de figurinha como ainda se ouve tanto por aí, demonstra ser ignorante e preconceituoso. Com o devido respeito pelas figurinhas que também são um hobby interessantíssimo, selo é selo. Se é emitido oficialmente por um país como selo, se é vendido pelos órgãos oficiais destinados a esse fim, são oficiais do país e não podem ser contestados. Não importa se circulam ou não na correspondência, não importa que sejam emitidos com finalidade comercial mais do que postal. Se o selo ajuda a angariar fundos para o país em questão, temos que admitir que não pode ser considerada sua emissão como inútil; afinal de contas, a sua venda reverte em benefício do país auxiliando no seu crescimento e desenvolvimento. Não há falta de seriedade nesse tipo de emissão, porqué ninguém é obrigado a comprá-la. Compra-a apenas aquele que a quer. Os selos são emitidos, mas não são impostos. O direito de livre escolha permanece inalterado com uma variedade imensa de opções alternativas.

Aqueles selos de dez, quinze, vinte anos atrás, embora baratiníssimos, já quase não existem mais no mercado, para não falar em outros muito mais antigos que mesmo não valendo nada tornaram-se raridades. Estes de hoje, também serão difíceis no futuro. O mercado filatélico acaba absorvendo tudo quanto é emitido. Os selos mais caros e raros ficam presos nas coleções e saem fora do mercado

rapidamente e os baratos vão para os pacotes, que vão parar nas mãos de crianças ou colecionadores inexperientes e assim, a maior parte desses selos, vão ficando danificados pelo mau uso e falta de cuidado e, acabam sempre tendo o destino trágico da lata de lixo junto com toda a quinquilharia que é jogada fora nos dias de grandes arrumações. No passado, também aconteceu a mesma coisa e é por essa razão que já não se encontra mais uma infinidade de selos baratinhos, que antes abarrotavam as lojas filatélicas.

Assim, aquele que deseja ser um filatelista de verdade e não um mero juntador de selos, precisa ater-se fixamente a esta idéia; o que passou, passou, o que foi emitido ontem representava aquele momento que ficou lá para trás. A Rainha Vitória andava de carruagem em 1840, quando foi emitido o primeiro selo com a sua efigie. Há vinte anos atrás, o homem foi à Lua e, agora, estamos vivendo a última década do século XX. O mundo mudou, os selos mudaram, as finalidades dos selos também mudaram e a filatelia mudou mais ainda e para melhor. Terminou a fase do esnobismo e exibicionismo dos colecionadores de raridades; o preciosismo antipático deu lugar a uma grande legião de colecionadores que se ocupam e se divertem com seus selos ricos em beleza e conteúdo, com os quais realmente aprendem coisas interessantíssimas e peculiares de cada país emitente.

A filatelia tradicional era muito rígida e sem nenhuma criatividade, bastava ir conseguindo os selos e organizando-os pela seqüência do catálogo. Era tão automatizada como preencher um álbum de figurinhas. Aqui a menção das figurinhas nada tem de pejorativa, é só uma comparação de método. A única sensação que podia ter o filatelista, era a de obter os selos e ver aumentar a quantidade deles no álbum. Era uma coleção sem alma, porque para fazê-la, o filatelista entrava apenas com os selos e o trabalho manuamente arrumá-la pela ordem já pré-determinada, que os demais também usavam.

Hoje, podemos dizer que uma coleção tem alma porque é feita com 50 % de selos e 50 % de espírito; isto é, o filatelista junto com os selos coloca em sua coleção muito de si mesmo, transferindo a ela o reflexo do seu espírito. Hoje, uma coleção de selos é algo idealizado, estudado, pesquisado e, sobretudo, sentido. Além do colecionador, o filatelista é criador e, sua criatura com o correr do tempo, toma corpo, adquire vida e personalidade. Se antigamente a filatelia era um hobby ameno e agradável, hoje ela é fascinante, dinâmica

e cheia de desafios, ganhando cada vez mais e mais adeptos de todas as faixas etárias.

### C A P I T U L O   III

#### OS VARIOS TIPOS DE COLEÇÕES MODERNAS

A unica dificuldadé que existe na filatelia moderna está em estabelecer uma unidade de trabalho; isto é, tomar uma decisão a respeito do tipo de coleção que se pretende fazer. Selos agrupados sem qualquer critério, não podem ser chamados de coleção; são "juntações" dispersivas sem qualquer objetivo, beleza ou originalidade. Não levam a nada, não significam nada e não servem para nada. É pura perda de tempo e desperdício de dinheiro.

Optar por uma unidade de trabalho é assunto de foro íntimo, no sentido em que se entende que uma coleção vai ganhar corpo e alma, de acordo com as afinidades de espírito de seu criador. Exige reflexão profunda e sem influ~encia de terceiros, sobre gostos, aptidões, conhecimento e tend~encias da personalidade. É como escolher um curso para exercer uma profissão ou a companhia com que se pretende passar o resto da vida; porque a filatelia implica tambémn em amor aos selos e ao que se faz com eles. Filatelia é também realização e pode ser uma constante fonte de satisfação durante a vida inteira, se for bem direcionada.

São vários os tipos de coleções que se podem fazer adaptando-os aos gostos, identidade e poder aquisitivo do colecionador. Uma coleção é qualificada pela sua ordem, limpeza e harmonia entre os seus elementos e mais ainda pela sua originalidade. Não importa que os selos sejam caros ou baratos, não importa se formada com peças raras ou material comum, importa apenas que haja um elo entre os selos nela contidos, mantendo assim a continuidade da unidade de trabalho e um visual bonito.

O custo de uma coleção de selos pode ser determinado pelo que se pode gastar com ela mensalmente e, tal custo deve ser considerado como despesa e não investimento. Isto é, o dinheiro é gasto e não retorna, a não ser em forma de satisfação pessoal, cultura e realização. O hobby é a finalidade e não o meio para atingir um fim. Investimento em selos é algo muito diferente de filatelia. Está restrito a um pequeno grupo de especuladores, com profundo conhecimento de mercado nacional e internacional, que pouco se importam com os selos em si, preocupando-se apenas com as

cotações obtidas por eles. Além do mais, é um investimento de alto custo. É preciso investir muito em pouquíssimos selos, que são considerados como bons investimentos e por essa mesma razão, já são caros. Conhecer selos e filatelia é uma coisa, conhecer mercado filatelico e tendências de valorização, é outra. A longo prazo, uma coleção de selos pode ser considerada como uma poupança, com a qual se pode obter um pequeno lucro sobre a atualização de dinheiro empatado e nada mais que isso.

Estando com o espírito livre de qualquer intenção especulativa fica mais fácil para se tomar uma decisão a respeito do caminho que se irá trilhar na filatelia, tendo como única preocupação os selos e a organização da coleção, há então o prazer muito maior.

#### I - COLEÇÃO UNIVERSAL REPRESENTATIVA

Para os mais arrojados em que predomina o espírito de aventura e a curiosidade em geral e, também para os jovens que sentem vontade de aprender tudo sobre tudo, o tipo de coleção mais indicado é a COLEÇÃO UNIVERSAL REPRESENTATIVA. É uma coleção sempre em aberto que pode ser feita por etapas e também ampliada a qualquer momento. O objetivo deste tipo de coleção é ter um conjunto representativo de selos de todos os países emitentes. É uma coleção muito livre e dispensa o uso do catálogo. Devido a essa liberdade, é, sem dúvida alguma, a coleção mais indicada para as crianças que ainda não têm os gostos e afinidades muito definidos.

As regras são poucas e fáceis de serem seguidas. No final deste livro, há um índice completo de todos os países emitentes. Baseado nesse índice, o filatelista deverá ir compondo grupos de selos de todos os países ali enumerados, que deverão ser organizados nos álbuns na mesma ordem em que surgem no índice. O restante é completamente livre e fica a critério da criatividade, do gosto e do poder aquisitivo do colecionador.

Como liberdade deve ser opção inteligente e não pode coexistir com falta de conhecimento, é preciso saber que :

- Os selos usados custam sempre mais barato do que os novos;
- Sob o ponto de vista estético, uma coleção pode ser formada com selos novos e usados, mas estes jamais podem ser misturados numa mesma série;
- Para que haja harmonia é melhor a utilização

- de séries para formar os conjuntos de países, mas também pode-se usar selos avulsos para ajudar a compor o conjunto;
- As séries incompletas ou curtas custam muito menos do que as completas;
  - As séries completas valorizam mais a coleção;
  - Os selos devem ser bem escolhidos sob o ponto de vista estético;
  - O fato de um selo ser muito antigo não significa que ele seja caro;
  - Todos os países têm certas peculiaridades que são estampadas em muitos dos seus selos. Um estudo prévio sobre essas peculiaridades pode ajudar a formar uma coleção mais interessante, colocando-se nela os selos com os elementos mais característicos de cada país: folclore, fauna, flora, arte, personalidades importantes, e fatos históricos, etc. Exemplo: o astrônomo Nicolão Kopérnico nasceu na Polônia, assim, um selo ou uma série emitida pela Polônia sobre o dito astrônomo seria muito significativa no grupo da Polônia;
  - Um grupo de selos dispostos em ordem cronológica fica mais harmonioso e pode dar uma idéia da história postal do país;
  - É interessante mostrar a evolução das emissões procurando ter uma amostragem de cada época do país;
  - Quanto mais séries e selos se puder ter por país, melhor, mas com dez séries já se pode dar um volume de corpo bom para a coleção;
  - É inteligente que se destaque mudanças de governo, mudanças de regimes e de nomes que ocorrem num país e tudo isso pode ser exposto através de selos;
  - A montagem final da coleção terá mais recursos e poderá ser mais original se feita em album. Os classificadores, como o próprio nome já diz, são para coletar e classificar o material. Quando já se tem uma boa quantidade de séries e selos de um país começa-se a montar as folhas do álbum. No alto da folha, deverá constar o nome do país, para cada série ou selo avulso coloca-se a data de emissão. Fica a critério do colecionador colocar ou não alguma referência sobre as séries e selos. Se o colecionador for também um estudioso, poderá preparar uma ou duas folhas iniciais com informações geográficas, econômicas e históricas do país em questão. Uma bandeira, um mapa, alguma citação importante sobre o país, etc. Tudo isso fica por conta do espírito do colecionador;
  - Deve-se usar um mesmo padrão para compor os grupos e montar as folhas de todos os países, para que haja harmonia;
  - Envelopes circulados, envelopes de 1º dia e cartões maáximos, ajudam a enfeitar a coleção.

Fazer uma COLEÇÃO UNIVERSAL REPRESENTATIVA, será tão excitante e gratificante quanto viajar pelo mundo inteiro, se o filatelista se detiver a estudar um pouco sobre os países e pesquisar os assuntos dos selos escolhidos. Preparem os corações, apertem os cintos e boa viagem pelo mundo fantástico da filatelia universal. Se bem feita, será sem volta e para a vida inteira.

## II COLEÇÃO UNIVERSAL CLÁSSICA

Para quem tem muito dinheiro disponível, gosta de possuir coisas caras e preciosas e sente aquele fascínio pelas coisas antigas e difíceis de serem encontradas, a opção, mais inteligente será pela COLEÇÃO UNIVERSAL CLÁSSICA. Esta coleção é feita apenas com as emissões do século. O objetivo é conseguir ter, se não todos, a maior parte dos selos emitidos no mundo durante o período compreendido entre 1840 e 1900. É difícil, muito difícil mesmo e requer muito cuidado na escolha dos selos para que se tenha uma coleção de boa qualidade, já que a despesa com ela será imensa. E mais cuidado ainda, com a escolha dos comerciantes, junto aos quais, irá adquirir suas peças. Existem muitas falsificações, muitas reimpressões, muitas dificuldades de identificação e muitos selos consertados. É um grande desafio para a paciência e perseverança e requer muita obstinação. É totalmente contra indicada ás Crianças, aos jovens, aos afoitos e dispersivos. Também não deve ser feita por quem tem orçamento limitado ou apego exagerado ao dinheiro, caso contrário, será apenas uma coleção pobre e pedante dos selos baratos de um período caro. Quer gastar? Gastar muito mesmo? Sem dó ou problema de consciência? Então junte-se aos nobres da filatelia à obedeça cas seguintes regras :

- Compre um catálogo novo, porque será § necessário usá-lo, não só para organizar as emissões, mas também para estar atualizado com os preços;
- Seja extremamente exigente na escolha dos selos que estiver comprando. Já que está pagando caro, o selo deve ser perfeito e bonito. Nada de dentes curtos, cantos arredondados, margens muito estreitas e mal cortadas, nada de vincos e "amincis", também não aceite carimbos borrados. Os selos precisam ser absolutamente perfeitos; neste tipo de coleção, não há lugar para um selo mais ou menos perfeito. Um selo ruim já desprestigia a coleção, é preferível não tê-lo;
- Como a maioria dos selos é muito cara,

ficarão melhor protegidos se colocados em "Havids", e organizados em classificadores de tamanho médio, um para cada país. É preciso verificar que os classificadores sejam de boa qualidade para que as tiras não se afrouxem e não se corra o risco de perder algum selo;

- Os selos novos custam bem mais caro do que os usados, entretanto, em alguns poucos casos, os usados são mais caros, por ter sido mínima a sua circulação;
- Pode-se colecionar selos novos ou usados e, neste tipo de coleção, podem estar misturados numa mesma série, devido à grande dificuldade que há' para completar as séries só com selos novos ou só com selos usados;
- Os envelopes circulados e os inteiros sempre serão bem vindos neste tipo de coleção, dando-lhe um padrão mais luxuoso;
- As séries completas dificilmente serão encontradas à venda e, de qualquer forma, é preferível ir comprando os selos individualmente devido aos critérios de escolha;
- Nada de precipitações e impulsos perigosos, quanto mais caro for o selo, mais difícil será encontrá-lo perfeito. Saber esperar é uma arte e, mais cedo ou mais tarde, acabará aparecendo um selo digno de entrar em sua coleção. É preferível ir devagar, ter poucos e bons selos do que muitos e de má qualidade. Uma coleção é para ser feita durante a vida inteira; entretanto, não se pode deixar escapar as boas oportunidades, porque dificilmente elas voltam a ocorrer.

Também há uma grande quantidade de selos baratos nesse primeiro período e, assim, há muito também com que se divertir com este tipo de coleção. Como a tecnologia era bastante fraca na época, existe uma infinidade de variações de cores, impressões, defeitos, diferenças de papéis e uma porção de outros detalhes que abrem um vasto campo de pesquisa e estudo. Apesar do período ser limitado, a coleção pode ser muito extensa e interessante, sem falar de sua indiscutível elegância.

A máquina do tempo está prestes a funcionar !  
Boa Sorte ! Dé lembranças nossas á  
Rainha Vitória, ao Imperador Francisco José,  
a Simon Bolivar, a D.Pedro II. Não perca as  
diligências e desfrute o passado que nunca  
mais voltará com seu romantismo e fascínio.

### III COLEÇÃO DE SELOS REGULARES

Diríamos ser missão impossível; mas não são poucos aqueles que preferem justamente as dificuldades e, assim hoje em dia, é cada vez

maior o número de colecionadores de Selos Regulares. É grande, é interminável e é preciso ter muita coragem para enfrentar esta empreitada sem desanimar no meio do caminho.

Aqui, no Brasil, eles são chamados de regulares, comuns ou ordinários. Os franceses já os chamam de "courant" e, pelos ingleses são designados definitivos. São as emissões sem caráter comemorativo, intenção de propaganda ou finalidade beneficiante. A única finalidade deste tipo de emissão é a postal. Nos países de moeda estável, os selos regulares são emitidos com os preços exatos para cada faixa tarifária e circulam durante muito tempo. Geralmente, as séries são longas e vão saindo parceladamente durante um largo espaço, o de tempo regidas pelas necessidades tarifárias do país emitente. Os selos de uma mesma série têm sempre o mesmo motivo e estilo. De algumas séries, os selos chegam a ser iguais, variando apenas o valor estampado e a cor. Dois bons exemplos dessas emissões são: a série da Inglaterra, sempre com a efígie da Rainha Elisabetê e a série dos Castelinhos da Itália.

Antigamente, os selos regulares eram sempre pequenos e facilmente diferenciáveis dos demais. Atualmente, muitos países emitem seus selos regulares com motivos locais (fauna, flora, arquitetura, etc(c) em tamanho grande e muito vistosos, tornando difícil a sua identificação, pois assemelham-se em tudo aos outros.

O objetivo desta coleção é possuir todos os selos regulares emitidos no mundo, mais ou menos 20 % do total das emissões. No catálogo YVERT ET TELLIER, tais selos são sempre bem definidos, pois logo após a data de emissão, antes de qualquer outra menção ou descrição, surge o termo "courant" especificando o selo ou a série. Neste tipo de coleção, é imprescindível o uso constante do catálogo, tanto para consulta como para a organização que deve ser feita por ordem de emissão.

Durante a fase de coleta, quando se está adquirindo os selos ou as várias séries que compõem cada série regular, os selos devem ser arrumados em classificadores, de preferência, um médio para cada país. Quando a série está completa, deve ser organizada pela ordem dos valores estampados; não importa que um valor mais baixo tenha ás do dois anos depois de um mais alto. Com as séries antigas, não há muita dificuldade para saber se estão completas ou não, pois sempre se pode verificar no catálogo quando termina a emissão de cada série e começa a outra. Com as séries recentes, só sabemos que a emissão de uma série terminou quando ela é substituída por outra diferente.

Esta coleção é difícil de ser feita porque não é sempre que se encontram as séries já completas e os selos precisam ser procurados individualmente. Esta é uma coleção quâ pode ser feita tanto com selos novos como usados, porém jamais misturados numa mesma série. É sempre mais fácil também encontrar os selos antigos usados, que custam muito menos do que os novos. Porém, embora custem bem mais caro, é mais fácil encontrar os selos recentes novos e já nas séries parciais completas. Será dificílimo formar tais séries com selos usados porque geralmente são muito baratos e os comerciantes não costumam classificar e fazer cadernos como antigamente porque esse trabalho consome tempo e não há mão de obra especializada suficiente. Os selos baratos vão mesmo para os pacotes ou caixas de varejão. Não é má vontade ou ganância, é simplesmente falta de tempo. Na Europa, os comerciantes já nem classificam selos que custem menos de 50 francos franceses.

Quem tem muita paciência e muito tempo disponível, pode tentar ir formando as séries "pescando" selos nas famosas caixas de varejão. Caixas onde os comerciantes costumam jogar tudo quanto não podem classificar e os selos são vendidos por um preço único, geralmente bem baixo.

Uma variante para quem não quer colecionar todas as emissões regulares do mundo, é fazer algumas séries mais importantes de cada país. Diminui bastante o trabalho e a despesa e, há sempre a possibilidade de ir ampliando a coleção. À medida que as séries escolhidas vão ficando prontas pode-se ir começando outras. É como ir montando as partes de um quebra-cabeça interminável, é um divertimento sem fim. Conforme as opções que cabem a este tipo de coleção pode ser até bem pequeno o seu custo. É só criar coragem e começar. "Devagaõ se vai ao longe", se os passos forem sempre certos e na mesma direção.

#### IV COLEÇÃO DOS SELOS AEREOS - AEROFILIA

Bonita, requintada e cara. Para quem dá mais valor à qualidade do que à quantidade. Para quem gosta de distinção e elegância e não se importa em pagar o luxo. O objetivo desta coleção é possuir todos os selos aéreos emitidos no mundo e, muitos, muitos envelopes viajados. quanto mais envelopes, melhor: mais rica será a coleção. Mas é preciso entender de carimbos especiais de vôos, saber datas e ter fornecedores de muita confiança, pois há

muita gente malandra falsificando envelopes por aí. Geralmente, os comerciantes estabelecidos são sérios e não vão garantir peças sobre as quais não tenham certeza e, muito menos forjar alguma espécie de material. Mas de vez em quando surge aqui ou ali algum elemento habilidoso e desonesto e há uma derrame de peças falsas. Um bom comerciante, quando tem material caro à venda, sempre conhece a sua procedência e não adquire nada que seja duvidoso. De qualquer forma, antes de comprar peças muito caras, o colecionador deve consultar alguém sobre o assunto e se não conhecer bem a pessoa que está lhe oferecendo o material em questão deve precaver-se, procurando informar-se melhor a respeito de sua reputação.

Para organizar os selos, há o catálogo geral, mas existem também catálogos e literatura especial a respeito de selos aéreos. A arrumação deve ser em álbum com legendas de datas e menções necessárias. Peças grandes, como quadras, sextilhas, ou tiras, sempre causam um efeito muito bonito na coleção. Os selos podem ser novos ou usados. O ideal é fazer a coleção só com selos novos ou então só com selos usados. No caso da coleção ser só com selos novos, se houver algum carimbo especial para determinados selos, ao lado do selo novo, deve ser afixado e carimbado.

Esta é uma coleção em que se pode dar asas à imaginação, é um grande vôo livre rumo ao infinito.

#### V COLEÇÃO DAS GRANDES SÉRIES

Interessante e sem grandes complicações para quem gosta das coisas certinhas com começo meio e fim, para quem não quer quebrar a cabeça e nem perder tempo, a COLEÇÃO DAS GRANDES SÉRIES é ideal.

Uma Grande Série é uma emissão conjunta de um país com todas as suas colônias ou países de sua influência, sobre um determinado assunto ou acontecimento, com todos os selos ou séries semelhantes entre si. São típicas da Inglaterra e França, mas a Itália, Portugal e Espanha também têm alguma coisa no gênero, embora menos significativa. Um exemplo é a série emitida por ocasião das Bodas de Prata do Rei Jorgão VI ou a Coroação da Rainha Elisabeth.

O catálogo traz a relação de todas as Grandes Sérias, com os emitentes e, a quantidade total dos selos que compõem cada Grande Série. O objetivo desta coleção é possuir todas as

Grandes Séries; mas, cada Grande Série já pode ser considerada uma pequena coleção. Esta é uma coleção que fica mais bonita se feita só com selos novos. Não é uma coleção cara e pode ser feita em etapas.

Não há necessidade de ter um catálogo, basta uma xerox das folhas que contém a relação. Na fase de formação das séries, os selos devem ser arrumados em classificador quando uma série já estiver completa, deve ser organizada no álbum pela seqüência do catálogo, alguns envelopes de primeiro dia ou circulados poderão enriquecer a coleção.

#### VI COLEÇÃO DAS SERIES ÔNIBUS

Em determinadas ocasiões, todos os países membros da União Postal Universal, entram em acordo e emitem selos sobre um mesmo assunto. Sempre assuntos de interesse mundial, alguma campanha ou homenagem; a maior parte delas em apoio á ONU, que determina que um ano é destinado a esta ou àquela campanha ou homenagem. Como o Ano do Combate a Malária, o Ano Internacionai da Criança e muitos outros. Os selos são sempre sobre um mesmo assunto, mas não são iguais, cada país emite livremente selo ou série de acordo com suas próprias características ou preferências. Mas há outras que nada tem a ver com a ONU, como por exemplo, os comemorativos dos congressos da UPU.

O objetivo seria possuir todas as Séries Ônibus, entretanto, cada série já é uma pequena coleção. Assim, a coleção pode ser feita em etapas, fazendo-se poucas séries por vez, para não ficar muito complicado. Não é preciso ter um catálogo, mas é necessário fazer uma pesquisa, para saber os países participantes e os números de emissão dos selos, para depois poder procurá-los melhor nas lojas e feiras de trocas.

A arrumação é como a Coleção das Grandes Séries, já descrita anteriormente e, como aquela, esta também não é uma coleção cara. É só um pouco mais trabalhosa, porque é bem maior e entram todos os países. É um tipo de coleção bem indicado para quem quer ter uma coleção universal, sem gastar muito dinheiro e, ao mesmo tempo, não correr o risco de se dispersar, como pode ocorrer quando se faz uma Coleção Representativa.

Neste mesmo estilo de coleção, podemos enquadrar os Giros de Europa e de América. São selos emitidos anualmente sobre um determinado tema pelos países da Europa e, agora, a partir de 1990, iniciou-se a emissão na

América, com assuntos americanos. São duas coleções muito boas e fáceis de se fazer. Principalmente a América, que está começando agora.

Há também alguns assuntos importantes que fazem com que muitos países emitam selos na mesma época, mas não são séries ônibus, porque não há uma contratação específica da União Postal Universal. Os países são livres para emitir ou não a respeito de determinados assuntos de interesse mundial, como por exemplo: "Os 150 Anos da Emissão do Penny Black" que ocorreu em 1990; "Bicentenário da Revolução Francesa", que ocorreu em 1989; grandes exposições filatélicas de âmbito internacional, como a nossa Brasiliiana, etc. Podemos chamar de giro de assunto e, cada assunto pode ser considerado uma pequena coleção.

## VII        COLEÇÃO POR PAÍS

Compacta, grande, porém sem qualquer complicação e sem exigir grandes esforços mentais, temos a COLEÇÃO POR PAÍS. É bem apropriada para os que gostam das coisas bem e organizadas. Também indicada para os dispersivos, que correm o risco de se perder num labirinto de folhas incompletas, classificadores desarrumados e selos sem classificar.

Para aqueles que gostam de muitas variações, a COLEÇÃO POR PAÍS pode ser um tanto monótona, assim recomenda-se que o filatelista escolha dois ou três países bem diferentes, em vez de fixar-se num único.

O objetivo da Coleção por País é posuir todos os selos emitidos pelo país colecionado. Se o filatelista vai colecionar um único país, ele pode e deve se aprofundar bastante, colecionando não só os selos tipo, mas também as variedades catalogadas e muitas outras que nem constam nos catálogos, mas que o colecionador irá encontrando em suas buscas, no decorrer do tempo. Neste tipo de coleção há muita oportunidade para se desenvolver estudos sobre alguns selos que tiveram várias emissões bem diversificadas. Porém, se o colecionador pretende ter dois ou mais países, já não poderá se aprofundar tanto e será suficiente possuir os selos tipo indicados pelo catálogo.

Para esta tipo de coleção, é sempre obrigatório o uso contínuo do catálogo, assim será necessário comprar um, de preferência, editado pelo país escolhido ou, então, conseguir xerox feita de algum dos catálogos gerais.

Seria supérfluo comprar um catálogo geral para colecionar uns poucos países; a menos que estejam concentrados num mesmo volume, que possa ser comprado isoladamente. Também não é aconselhável escolher países cujos selos sejam difíceis de se encontrar no mercado filatélico acessível ao filatelista. Pô exemplo: aqui no Brasil, não é fácil de se encontrar todos os selos emitidos pela China, pelo Egito, pela Grécia, pela Turquia, pelo Paquistão e, tantos outros países exóticos porque nunca foram muito procurados pelo público em geral, ninguém se preocupou em fazer estoques deles. J's ocorre o inverso com os selos Ingleses, Franceses, Italianos, Espanhóis, Portugueses, Alemães e de outras nacionalidades, sempre muito procuradas pelos colecionadores. Geralmente, os mais jovens sentem uma grande atração pelos países exóticos e, se essa atração for assim tão irresistível nem devem pensar em colecionar por país e sim, optar por uma Coleção Representativa Universal, pois um pouco de cada país, principalmente em se tratando de selos temáticos, sempre poderá ser encontrado á venda. Não se deve pensar que uma coleção cheia de dificuldades para encontrar os selos possa valorizar mais do que uma outra cujos selos abundem no mercado. Os selos dos países mais lembrados continuarão sendo sempre os mais procurados e valorizarão mais do que os outros meio esquecidos pelo público.

Como os selos modernos custam bem menos do que os antigos, é melhor ir colecionando do período em que se inicia a coleção para frente e, ir tentando compor as décadas anteriores como puder. Não adianta querer programar que primeiro irá completar um período para depois começar a formar outro. Os estoques no Brasil já estão muito escassos e é preciso ir comprando aquilo que se encontrar, e o mesmo se aplica ás emissões recentes, pois elas se esgotam rapidamente.

Antigamente, existiam os grandes estocadores que iam importando e guardando tudo quanto era emitido, hoje, é humanamente impossível trabalhar dessa forma e, embora ainda haja alguns importadores, as quantidades importadas são cada vez menores e ninguém mais pode se dar ao luxo de estocar para o futuro.

A organização final deve ser feita em álbum, com as folhas formadas de acordo com a disposição do catálogo. Se o colecionador preferir, poderá usar os álbuns especializados do país que já são editados com os lugares certos para cada selo. Normalmente, por serem caros, não se encontram á venda nas lojas, entretanto, as boas casas do ramo fazem

a importação dos álbuns e dos suplementos anuais sob encomenda. A coleção montada em álbum feito pelo próprio filatelista fica mais personalizada. Como não há aquela estruturação rígida dos lugares, pode-se abrir espaços para peças diferentes, variedades, quadras com carimbos especiais, envelopes, estudos e tanto outros elementos que podem contribuir para o enriquecimento da coleção.

Na coleção por país, os selos podem ser novos ou usados, entretanto, recomenda-se que não sejam misturados numa mesma série; ou, melhor ainda, que se faça com selos usados a fase antiga e com selos novos as fases mais modernas. Se o filatelista coleciona um único país, será interessante fazer uma coleção de selos novos e outra de selos usados; é um modo de aumentar a coleção sem que haja mudança na unidade de trabalho.

Quem coleciona selos por país não deve ter a mentalidade de colecionador de figurinhas cujo objetivo é preencher todos os espaços do álbum e nada mais. Deve usar muito a sua criatividade e dispor bem de seus recursos (intelectuais e financeiros) para que a sua coleção não seja apenas uma seqüência de selos. Não há tempo marcado e nem limite para se fazer uma coleção; o mais gostoso é poder pensar que há sempre alguma coisa para ser acrescentada e que não existe a palavra completa.

Entretanto, para os apreciadores dos limites, para quem gosta de ver um final em tudo quanto faz e um final exato mesmo, existem os chamados países fechados. Isto é, países que deixaram de existir ou países que pararam de emitir. Pô exemplo, a Iugoslávia de hoje foi formada por seis repúblicas : Bósnia-Herzegovina, Croácia, Montenegro, Sérvia, Slovenia e Macedônia. Esses seis países emitiram selos. Quando deixaram de existir para dar origem à Iugoslávia, as emissões terminaram. Dessa forma, há um último selo emitido para encerrar a coleção de cada um desses países. A Lituânia, Estônia e Letônia, também pararam de emitir quando passaram a compor o quadro das Repúblicas Soviéticas. E, assim, também há outros países e, com um catálogo geral, pode-se fazer um levantamento deles. A maior parte, são países com poucas emissões e com selos de preços médios para baixos, porém já bem difíceis de se encontrar hoje em dia.

## VIII COLEÇÃO DE SELOS DO BRASIL

A coleção deselos do Brasil é a mais

popular de todas, a mais fácil de ser feita, a mais interessante para nós brasileiros e, a mais educativa para nossas crianças. Podemos considerá-la como a pedra fundamental da nossa filatelia, o princípio e o maior estímulo, onde os iniciantes darão seus primeiros passos e os veteranos cometerão as grandes façanhas de desenvolver estudos ou dedicar-se exclusivamente, de maneira profunda e exaustiva, aos selos do período imperial.

Há várias maneiras de colecionar os selos do Brasil. Como o nosso catálogo está dividido em várias partes, de acordo com os tipos de selos que foram e ainda são emitidos; cada uma dessas partes já pode ser considerada como uma coleção.

Para quem nunca teve qualquer contato com selos e deseja colecioná-los, o melhor é principiar pelos selos Comemorativos que são os mais fáceis de serem identificados, classificados e manuseados. São também os mais fáceis de se conseguir e os mais baratos. Até mesmo uma criança pequena, desde que alfabetizada e com alguma noção de ordem e limpeza, pode colecionar os selos Comemorativos. Para os adultos, também é aconselhável que começem pelos Comemorativos até que se acostumem bem com os selos e assimilem um método de trabalho com eles. Saber colecionar bem, vem muito mais do hábito, do costume, do manuseio constante, do que de tudo quanto o filatelista possa ler e estudar teoricamente. A teoria é muito importante para auxiliar nos primeiros passos, mas a prática, a vivência e a experiência que se vão adquirindo dia após dia é que dão o conhecimento profundo que faz o bom filatelista.

Assim sendo, como em tudo na vida, o certo é começar pelo começo, quem quer aprender a colecionar selos de maneira correta, deve iniciar pelo que for mais simples, para ir entendendo as dificuldades gradativamente, à medida que forem surgindo. Quem procura muitas complicações logo de início, com certeza jamais entenderá direito nada de nada em matéria de filatelia e, muito menos terá coleção alguma que preste.

Há várias maneiras de montar uma coleção de selos Comemorativos. A mais fácil é no álbum especializado já com os lugares dos selos impressos nas folhas, sendo atualizado anualmente com os suplementos. É só ir afixando os selos nos seus respectivos lugares. Porém, é uma coleção bastante padronizada e rasa. Não pode ser comparada a uma coleção personalizada como aquela em que o filatelista monta o seu próprio álbum mantendo espaços para variedades, peças diferentes, estudos,

envelopes e demais elementos que possa ir encontrando em sua coleta.

Uma coleção de selos Comemorativos deve ser só de selos novos ou só de selos usados. No segundo caso, é preciso saber escolher os selos muito bem, porque infelizmente os nossos correios sempre se esmeram em carimbar mal a correspondência.

Há quem goste de colecionar selos Comemorativos em quadras, mas aí a coleção já fica bem mais cara e mais difícil de ser feita.

Esgotada a coleção de Comemorativos, restam os outros ítems do catálogo para serem preenchidos. Também há álbum especializado para o restante da Coleção Geral do Brasil; o que simplifica um pouco o trabalho, pois as outras espécies de selos existentes no catálogo já não são tão fáceis. Há algumas até bem difíceis que dão nó até na cabeça de muito veterano tarimbado. Porém, apesar da dificuldade, para quem já adquiriu alguma experiência, é preferível fazer a coleção personalizada. Há muito material bonito e muitas opções de estudos que não cabem num álbum padrão.

Na coleção do Brasil, existe a especialização, mais nobre, que é a coleção de carimbos do Império. Os que se dedicam a este tipo de coleção, precisam ter muita experiência e conhecimento, pois há uma quantidade enorme de carimbos falsos e cartas forjadas em mãos de elementos pouco escrupulosos. Quem faz este tipo de coleção deve comprar seus selos apenas de comerciantes idôneos, lastreados por muitos anos de tradição no mercado filatélico. É sempre certo pensar que peças boas e autênticas, hoje em dia custam muito dinheiro e, assim não podem estar disponíveis com qualquer um. Ninguém pode fazer milagre e ter bom material para vender, se não tiver um bom lastro financeiro. São como jóias que para se ter certeza de sua autenticidade, só devem ser compradas nas grandes joalherias de renome, que dão garantia das peças que estão vendendo. No mercado filatélico, a garantia dada por um nome sem tradição não vale nada. Qualquer "falsariozinho" de meia tigela, com um pouco de conhecimento e habilidade manual pode fazer carimbos semelhantes aos usados no Período Imperial e garantir-lhos como autênticos. Um comerciante bem estabelecido que tenha um nome respeitável para zelar, jamais tentará vender ou garantir uma peça de legitimidade duvidosa, pois assim estará pondo em risco a sua reputação.

São muitos os critérios para a montagem de uma coleção de carimbos do Império. Cada

colecionador tem o seu próprio estilo. Quem pretender entrar nessa faixa de colecionismo deve procurar entrar em contato com um desses grandes veteranos que poderão fornecer informações mais precisas a respeito do assunto. Alguns são bastante abordáveis e gostam de discorrer sobre suas coleções. Não será difícil encontrá-los, geralmente fazem parte das associações filatélicas, participam das exposições e são pessoas bem conhecidas no ambiente filatélico.

Para quem não pode colecionar os Carimbos do Império e, aliás, são bem poucos os que podem, uma opção no que diz respeito a Carimbos é a coleção de algum outro tipo de selo de grande circulação que poderá ser encontrado com os carimbos das cidades brasileiras. É uma coleção interessantíssima, uma espécie de brincadeira que custa bem pouco e tem um efeito muito bonito.

Atualmente, nós temos aquele selinho sem valor estampado que serve para o primeiro porte, qualquer que seja a tarifa em vigor. O tal selinho é o pesadelo dos filatelistas, pois o danado circula em aproximadamente 80 % da correspondência nacional, roubando assim a oportunidade de circulação dos comemorativos. Acabaram-se os lindos envelopes e as chances de obter os Comemorativos modernos usados, mas se pensamos bem, surgiu um novo tipo de selo para uma bela coleção de carimbos. Já imaginaram que gostoso será ir colecionando sempre o mesmo selinho com os carimbos de todas as cidades deste Brasil imenso ? Já pensaram em como pode ser bonita uma coleção feita com fragmentos bem cortados, com os carimbos nítidos e os nomes das cidades organizados em ordem alfabética ?

Brasil, Brasili ! Quantos selos ...  
quantos caminhos a seguir ... quantas coisas  
bonitas que podem surgir ... Haja criatividade !!  
E os infinitos pedaços deste país maravilhoso  
surgiram iluminando as folhas de  
milhares de álbuns, antes brancas e sem vida.

A Coleção Temática é, sem dúvida alguma, a tendência mais forte da filatelia contemporânea. Vários são os motivos que a tornam tão atrativa; o principal deles é a flexibilidade que há neste tipo de colecionismo que permite a todos, das mais diversas faixas etárias e financeiras, fazerem coleções bonitas e interessantíssimas. É onde se pode aplicar muito bem aquele antigo jargão popular: "cada um desce do bonde como gosta, como pode e como quer". Além disso, a coleção

temática é um prato cheio para quem gosta de estudar e pesquisar. Estimula a curiosidade e a criatividade, portanto é excelente para crianças e jovens em idade escolar.

A Coleção Temática, como o próprio nome já diz, é aquela feita com selos que abordam um mesmo tema. Hoje em dia, são muitos os temas e, devido à quantidade imensa de emissões, os temas irão se multiplicando e diversificando cada vez mais. Além dos temas padronizados existem aqueles que são criados pelo próprio colecionador. Para exemplificar um pouco, aqui segue uma lista de alguns dos temas que são colecionados :

- Fauna em geral; que também pode ser subdividida em: aves, borboletas, cães, coleópteros, conchas, felinos, insetos em geral, mamíferos em geral, mamíferos aquáticos, mamíferos de grande porte, peixes, répteis e também pode-se ter como tema um único animal, como : elefante, abelha, leão e qualquer outro da preferência do colecionador.
- Flora em geral, que também pode ser subdividida em : flores, árvores, cactus, cereais, cogumelos, folhagens, frutas, orquídeas, rosas, tubérculos e, pode-se escolher determinados produtos da terra como: café, borracha, milho, tabaco, trigo, etc.
- Esporte em geral, que pode ser subdividido em: esportes de inverno, futebol, copa do mundo, olimpíadas e, qualquer outro esporte: tênis, iatismo, ciclismo, atletismo, natação, etc.
- Transportes em geral, que pode ser subdividido em: aviação, navegação, transportes terrestres, carros, trens, etc. Aqui também se pode escolher um único elemento como: concorde, helicópteros, navios da guerra, etc.
- Artes em geral, onde também se pode escolher: pintura, desenhos infantis, alguma determinada escola de pintura, um único pintor em questão, literatura, música, escultura, objetos de arte e artesanato, etc.
- Astronáutica em geral ou algum projeto de preferência do colecionador, astronomia, etc
- Tecnologia: máquinas agrícolas, relógios, instrumentos de diversas profissões, barragens, estruturas, indústria, siderurgia, etc
- Minerais em geral, que pode ser subdividido em: pedras, petróleo, minerações específicas, etc.
- Pré-História, História, Personalidades, Guerras, Tratados, Mudanças de Fronteiras, geografia, Economia, Importação, Exportação, etc.
- Medicina, que pode ser dividida em vários assuntos relativos à Medicina, como por exemplo: Cruz Vermelha, Campanha contra determinadas doenças, médicos famosos, etc.
- Heraldica, emblemas, bandeiras, símbolos, mapas, etc.
- Paisagens, rios, turismo, etc.

- Trajes típicos, uniformes militares, jóias e adornos, etc.
- Folclore, costumes, lendas, etc.
- Religião em geral, uma determinada religião, algum santo em especial, Nossa Senhora, Papas, etc.
- Profissões, direito, economia, etc.
- Escotismo, Rotary, Lions, etc.

A relação acima pode servir como base e dela ainda podem ser extraídos muitos outros temas. Entretanto, antes da escolha de um tema, é bom fazer uma pesquisa para ver a disponibilidade dos selos, não é aconselhável optar por temas dos quais não existam um bom número de selos emitidos ou então com selos difíceis de serem encontrados. Também é bom escolher um tema do qual já se tenha algum domínio ou então muita afinidade. Não adianta fazer uma escolha só porque o tema está na moda ou porque possa parecer elegante colecioná-lo. É preciso gostar muito e conhecer bem aquilo que se vai colecionar. Todos os temas são bons se o colecionador tiver talento; todos os temas são bonitos, se o colecionador tiver bom gosto e todos os temas são interessantes se o colecionador for criativo.

Como são muitos os temas e várias as formas de abordá-los, os objetivos também irão variar bastante e serão fixados pelo colecionador em questão. De alguns temas, já existem catálogos, para outros será preciso fazer uma pesquisa no catálogo geral.

Um estilo de fazer uma coleção temática é ir coletando todos os selos do tema escolhido e separando-os em ordem alfabética de país e, dentro dessa separação, organizando-os por ordem de emissão. Aí esta coleção seria chamada de "coleção por assunto", como dizem os entendidos da filatelia temática.

Outro modo de fazer uma coleção temática é elaborar um roteiro. Roteiro é uma espécie de enredo e, dentro desse enredo, se desenvolverá a coleção. Por exemplo: uma coleção sobre elefantes poderá ser abordada a partir dos ancestrais que lhes deram origem, os grandes mamutes pré-históricos, e daí vir para os elefantes em si, espécies, países de que são naturais, a vida dos elefantes na natureza, sua alimentação, o elefante e o homem, função, predação, enfim, com selos, ir falando tudo sobre os elefantes dentro de uma seqüência lógica e bem programada. A elaboração de um roteiro requer muita pesquisa tanto na área específica do tema como na área filatélica para conseguir os selos que se encaixem ao roteiro. Quanto maior é o trabalho de pesquisa, melhor será a coleção, que deverá ser

bem desenvolvida, bem explicada, mas com o mínimo possível de textos, pois trata-se de uma coleção de selos e não de livro ilustrado com selos. Assim, os selos é que deverão contar aquilo que se quer dizer. Esta é a coleção temática propriamente dita e que pode até ser enquadrada nas coleções competitivas.

Envelopes, Máximos Postais, Cadernetas e Carimbos Especiais referentes ao tema sempre poderão enriquecer a coleção temática qualquer que seja a forma da mesma. A montagem deve ser em álbum. Mas na fase da coleta, os selos devem ser arrumados em classificadores. As folhas dos álbuns só devem ser organizadas após um bom estudo da composição das mesmas e, para isso, é necessário que haja bastante material coletado.

Se um tema for pequeno, o colecionador poderá desenvolver, ao mesmo tempo, outros pequenos temas para não ficar frustrado com a escassez dos selos conseguidos. Para quem gosta de selos é desanimador sair á procura deles e não encontrar nada que se encaixe a sua coleção. Tendo mais de uma, sempre terá alguma coisa para levar para casa após as buscas do dia.

A coleção deverá ser só de selos novos ou só de selos usados. Uma coleção temática misturada não fica harmoniosa. Selos novos custam mais caro, mas são mais fáceis de serem encontrados em séries completas. Séries completas usadas também podem ser encontradas mas não de todos os países. As crianças ou adultos com poder aquisitivo reduzido, podem optar pelas séries curtas usadas que são muito mais baratas do que as completas e também são bonitas. Como os selos mais antigos já são bem difíceis de serem encontrados é melhor não se fixar muito neles e ir adquirindo os modernos que são muito mais bonitos e detalhados, prestando-se bem mais à coleções temáticas.

É importante que o colecionador temático esteja livre das idéias retrógradas e dos preconceitos e tenha sempre em mente que todos os selos são selos e não importa o nome do país emitente e sim o selo, que deve ser bonito e se encaixar em seu tema. Desenho, impressão, cor, forma, qualidade do papel e tudo o que a tecnologia moderna trouxe de progresso para as novas emissões, fazem das coleções temáticas verdadeiras obras de arte.

Pelas dificuldades que já existem para se fazer coleções tradicionais, provavelmente no futuro, quase toda filatelia será temática, pois nela não há a obrigatoriedade de possuir determinados selos cada vez mais raros

e há uma variedade imensa de opções, abordando a maior parte dos temas e o colecionador pode escolher livremente os selos que mais lhe agradem dentro dos limites do seu poder aquisitivo.

## X COLEÇÃO COMPETITIVA

Quando já se tem bastante contato com os selos e, a filatelia já está completamente assimilada, de tal forma que se integrou à personalidade do colecionador, que já não precisa mais de palavras para entendê-la; pode-se começar a pensar na COLEÇÃO COMPETITIVA, que vai para exposições, onde é julgada com muitas outras e pode ser premiada, dependendo da sua qualidade e da qualidade das demais coleções concorrentes. Não é para principiantes e nem para quem tem o poder aquisitivo muito limitado, pois uma das condições necessárias para concorrer é apresentar peças realmente boas, raras e caras. Sem essas peças, por mais bonita, criativa e bem feita que seja uma coleção, está fora da competição. Mesmo as coleções juvenis precisam apresentar um certo número de peças de vulto.

Uma coleção, para competir, precisa obedecer determinadas regras estipuladas pelas entidades organizadoras e pela FIP (Federação Internacional de Philatelia). Os regulamentos são bastante extensos e não adianta expô-los aqui, porque mudam constantemente. Aquele que se dispuser a participar de uma exposição competitiva deverá informar-så melhor junto às associações filatélicas.

Geralmente há duas categorias: juvenil onde se enquadram os filatelistas com menos de 25 anos e, veteranos. Para as duas categorias há duas classes de coleções: tradicional e temática. As exposições podem ser de âmbito estadual, nacional e internacional. Para poder participar de uma exposição internacional, é preciso já ter tido premiação em exposição nacional. É preciso pagar pelo espaço que a coleção irá ocupar numa exposição seja ela nacional ou internacional.

Para quem tem espírito competitivo, talvez valha a pena tentar. Aqui no Brasil, temos grandes premiados em coleções internacionais que são reconhecidos no mundo inteiro como membros de uma restrita elite filatélica.

É importante frisar que dentre os milhões de filatelistas espalhados pelo mundo é uma pequena porcentagem deles que se dedica à filatelia competitiva. A grande maioria de filatelistas coleciona sem a intenção de expor e muitos nem vão apreciar as exposições,

porque não tem qualquer interesse nelas. Amam apenas os seus próprios selos e deleitam-se em contemplar suas próprias coleções. A única e verdadeira essência do hobby é colecionar e, cada um coleciona da maneira que mais se adapta a sua personalidade.

## XI      OBSERVAÇÃO

Aqui foram mencionados apenas alguns tipos de coleção, para que o filatelista iniciante possa fazer uma escolha consciente, sem se deixar levar pelo entusiasmo. Um filatelista experiente poderá criar seu próprio tipo de coleção e desenvolvê-lo com seus próprios critérios. A filatelia é um campo aberto e incomensurável.

O filatelista só não pode se esquecer que sem uma unidade de trabalho e uma sistemática de organização, não há coleção e sim juntação ou acumulação.

Também é importante lembrar que a qualificação de uma coleção depende muito da ordem, da limpeza, dos critérios de escolha, da estética e da harmonia. As peças raras e de alto valor qualificam bastante uma coleção, mas se ela não for feita obedecendo os padrões mencionados, tais peças até passarão despercebidas, pois ninguém olhará com atenção uma coleção mal arrumada. Os olhos são atraídos pelo belo, pelo harmonioso e, quanto mais atraente for a coleção, mais prenderá a atenção de quem a estiver apreciando.

Selos desarrumados, caixas, caixinhas, miscelânea de envelopes, folhas dispersas, classificadores sujos ou estragados e material amontoado de qualquer jeito, causam uma péssima impressão e desvalorizam quaisquer peças boas que possam existir. Os bons filatelistas sentem horror quando são chamados a ver essas coisas, pois a eles, chegam a causar nojo e desgosto.

Jamais duvidar que a essência da filatelia é o amor que se tem pelos selos e, esse amor transparece no estilo de cada filatelista.

## C A P I T U L O   IV

### DOS CRITERIOS DE ESCOLHA À MONTAGEM DE UMA COLEÇÃO

Um caso bastante sério de se pensar é a opção que deve ser feita entre selos novos e

selos carimbados. Os selos novos custam mais caro, valorizam mais e também são mais bonitos. Entretanto, existe um problema para o qual até hoje não houve bom senso suficiente para encontrar uma solução: as manchas de ferrugem. Com o tempo, todo e qualquer papel tende a envelhecer e a amarelar, basta olhar um livro muito antigo para se ter esta confirmação. Com os selos também ocorre o mesmo, vão surgindo pequenos pontos amarelos que chamamos de ferrugem, mas, que na verdade, são fungos que se desenvolvem de forma bem mais rápida em lugares onde o ar contém um maior grau de umidade. O nosso clima é um triste exemplo desse maior grau de umidade e quem mais sofre com isso é a nossa filatelia. Não há selo novo e gomado que resista perfeito uns poucos anos. Nem mesmo os modernos, já feitos a propósito com goma tropicalizada. Fizemos a experiência e guardamos selos recém emitidos em envelopes fechados por um período de dez anos. Quando foram abertos os envelopes, a maior parte dos selos estava amarelada. Dos vinte envelopes, nenhum escapou à ação do tempo. Observou-se apenas que os selos gomados estavam em piores condições do que os sem goma.

Infelizmente, essa mesma goma que ajuda a acelerar o aparecimento de fungos no selo, é exigida para que o selo obtenha o máximo de seu valor. A maior parte de toda argumentação a respeito da necessidade da goma original perfeita gira ao redor de ser ela, a garantia de que o selo é novo e nunca foi usado. Como há uma diferença de preço muito grande entre o selo novo e o usado, podem existir tentativas de lavar os selos com processo químicos que apaguem os carimbos dos mesmos que então, pareceriam novos e seriam trocados ou comercializados como tais. Isso porém está muito longe de acontecer porque até hoje, por mais que tenha sido tentado, ninguém descobriu um modo de apagar os carimbos sem deixar vestígios ou estragar o selo. Mesmo que fosse possível transformar a aparência de um selo usado em novo, sob alguma lâmpada mais forte, a marca do carimbo iria aparecer nitidamente. Ninguém compra um selo caro sem fazer todos os exames necessários para saber de sua autenticidade e integridade, assim, a existência da goma pode ser inteiramente supérflua. Também é bom lembrar que, se alguém for capaz de apagar manchas de carimbos com química, poderá com maior facilidade fazer uma goma idêntica à original do selo e, com ela, regomar os selos lavados.

Pode ser que, devido às condições climáticas, na Europa e nos Estados Unidos, não haja esse problema da ferrugem e os selos mantenham-se íntegros durante muito mais tempo do que aqui.

Lá, então, justifica-se a exigência da goma também devido à parte estética. Um selo gomado é mais encorpado, mais brilhante e parece ter muito mais vida do que um selos avado. Aqui, infelizmente, não estamos em condições de fazer tal exigência e, o bom senso nos diria para ignorar as exigências feitas no exterior e colecionar selos em função de nossas possibilidades e do nosso mercado, que poderá vir a ser tão bom quanto o estrangeiro.

Os bons filatelistas, os profundos conhecedores de selos que temos aqui, há muito tempo, já não se interessam mais pela polêmica da goma. Lavam os seus selos enferrujados e não se importam em comprar selos manchados. Importam-se apenas em não pagar por eles o mesmo preço que pagariam por selos em perfeito estado de conservação. O que é muito justo.

Os selos usados podem ser lavados a vontade, sem qualquer sentimento de perda. A dificuldade com os selos usados está nos carimbos feios e grosseiros que tornam, à vezes, quase impossível a escolha de um selo. Há países que sempre carimbaram muito bem os seus selos e, pode-se fazer coleções lindíssimas com eles, como por exemplo, a Alemanha, a Suíça, a Suécia. Entretanto, outros países fizeram e ainda fazem verdadeiros horrores com seus selos. A Inglaterra, talvez, seja o pior de todos, seguida bem de perto pelos Estados Unidos. E nós também não ficamos muito atrás.

Outro aspecto importante que pode influir na opção pelos selos usados, é o fato deles terem cumprido seu papel histórico, isso é, serviram a sua primeira e maior finalidade, que é a postal.

Tanto para os selos novos quanto os usados, existem determinados critérios que não podem ser negligenciados na hora da troca ou da aquisição. São aqueles que estabelecem a integridade do selo. Um selo para ser íntegro ou perfeito, não pode ter qualquer rasura, adelgaçamento do papel, dobra ou vinco. Se denteados, deve ter os picotes uniformes e sem qualquer falha. A falta de um único dente já significa que o selo não está perfeito. Se o selo for sem picote, como é o caso dos mais antigos, as margens devem ser todas de bom tamanho e só podem ser curtas no caso da quase inexistência de espaço entre os selos numa folha e, mesmo assim, deve haver uma margem mínima. Qualquer ausência de margem torna o selo pouco recomendável. O selo não pode estar desbotado, manchado ou sujo e, se carimbado, deve ter o carimbo nítido e limpo. Um carimbo borrado desvaloriza o selo e a coleção em que está. Os carimbos linhados ou ondulados

são os piores. O ideal seria procurar sempre carimbos leves que não encubram o motivo do selo.

Os selos com carimbo de favor, não cumpriram a sua finalidade postal, mas são muito mais apresentáveis e, hoje em dia, são muito procurados porque a estética e a harmonia de uma coleção tornaram-se muito mais importantes do que o discurso sobre o valor deste ou daquele carimbo. Como os selos carimbados custam bem menos, é melhor tê-los bonitos com um carimbo sempre limpo e uniforme de que feios e borradados. Serão sempre selos carimbados e não há razão para dar preferência aos circulados, se não forem encontrados em boas condições.

Nem a título de tapar buracos, deve-se colocar selos imperfeitos ou feios numa coleção, porque eles acabarão ficando lá para sempre desvalorizando-a logo a um primeiro olhar. Quem vê um selo defeituoso numa coleção, imediatamente pensa que ela está cheia de selos defeituosos e nem se interessa mais em prestar a ela qualquer atenção.

A montagem final de uma coleção deve ser muito bem planejada. O colecionador não pode se esquecer que todas as folhas deverão manter uma uniformidade para que haja harmonia. Não deve existir qualquer espécie de enfeite nas folhas, apenas a margem bem traçada e, se for o caso, pode-se aceitar um pequeno e discreto monograma num dos cantos inferiores da margem.

Tanto os álbuns como as folhas especiais para selos custam muito caro. Não vale a pena despender tanto dinheiro em coleções de principiantes, que geralmente são feitas com selos de pouco valor. Pode então o filatelista usar folhas de papel sulfite e usar como álbuns essas pastas de plástico com bolções, que são vendidas nas papelarias e usadas para guardar documentos ou para a apresentação de trabalhos escolares. Essas pastas são muito boas e, em cada bolção podem ser acomodadas duas folhas (costa contra costa).

Os selos, antes de serem afixados nas folhas, devem ser colocados entre as tiras protetoras que os preservarão da ação do tempo. Tais tiras também contribuem para aumentar a beleza da coleção, dando um destaque maior ao selo, pois sendo escuras mesmo cortadas quase rente ao selo, como deve ser, a margeninha que fica ao redor dele, dá-lhe um toque todo especial de nobreza. Devidamente protegido, o selo deverá ser fixado na folha com charneira. As tiras protetoras são gomadas, mas não se deve umedecê-las e afixá-las diretamente ao papel, porque isso as tornará inúteis no caso de uma futura remontagem da coleção,

com nova disposição dos selos nas folhas.

A disposição dos selos também deve ser bem estudada para que haja equilíbrio, pois sem ele não haverá beleza. A folha não deve ficar muito cheia para que não se torne cansativa e disperse a atenção, mas também não deverá ficar meio vazia ou muito espaçada para não ter o aspecto de folha inconcluída.

Deve haver uma certa simetria na disposição de cada série e uma mesma constante simétrica entre todas as séries, como se fosse o ritmo de uma música. Tudo isso é muito pessoal e, o filatelista, após os primeiros passos vacilantes, acabará extraindo de si mesmo a métrica que irá predominar em sua coleção.

As montagens prévias feitas em classificadores deverão seguir rigorosamente o catálogo. O colecionado irá pondo os selos lado a lado, bem juntinhos para poupar espaço. Se faltar um ou mais selos numa série ou numa seqüência de séries, o bom filatelista deverá calcular e reservar os espaços para os selos que faltam e, neles colocar etiquetas com os devidos números do catálogo para mais tarde poder fazer sua mancolista com facilidade. Para que haja uma orientação, é importantâ que, na primeira tira da página haja o número do selo inicial e, na última tira, o número do selo que encerra a página.

Respeitando as regras básicas, o filatelista por si mesmo, criará as próprias regras que o ajudarão a organizar melhor a sua coleta. O importante é saber que o trabalho precisa ter um método. A dispersividade é o pior pecado do filatelista e, a disciplina a sua maior virtude.

O bom filatelista sabe que jamais deve deixar acumular muitos selos para classificar pois se assim o fizer, jamais irá classificá-los. Mesmo as duplicatas para trocas devem estar bem arrumadas no classificador, destinado a essa finalidade. Os selos recém adquiridos devem ser arrumados no seu lugar no classificador, se possível no mesmo dia, não deixar passar o tempo e adquirir outros sem colocar os anteriores na coleção. Evitar o uso de caixas e envelopinhos, pois esse é o melhor caminho para se ter eternamente uma miscelânea de selos desarrumados sem que se monte coleção alguma. Quando um classificador está cheio, não resta qualquer outra alternativa; é urgente comprar um novo. Os selos em classificadores correm menos risco de se perderem e se estragarem. A ferrugem ataca mais os selos guardados e esquecidos em envelopes do que os que estão sendo sempre vistos e revisto

nos classificadores.

Limpeza e ordem são imprescindíveis ao bom filatelista. No ambiente filatélico, só de se olhar para a mão de uma pessoa já se pode saber que tipo de filatelista ela é.

## C A P I T U L O V

### COMO OBTER OS SELOS PARA FAZER UMA COLEÇÃO

Os selos recentes do Brasil, devem ser comprados no correio. Existem guiches filatélicos, onde o colecionador poderá adquirir selos, quadras, envelopes, cartões máximos, editais, carimbos e tudo quanto se referir às emissões atuais. A grande vantagem de se adquirir tais peças no correio, é o preço que será sempre o valor facial do material em questão.

Os selos mais antigos do Brasil, podem ser facilmente encontrados nas lojas filatélicas, onde também poderão ser adquiridos os selos estrangeiros.

Antigamente, as trocas também eram um bom meio para se obter selos; mas para efetuar trocas é preciso ter um bom estoque de selos para essa finalidade, pois quem troca os selos quer trocá-los por outros que precisa e deseja escolher entre vários. Hoje em dia, as trocas já não são consideradas tão bom negócio porque sai caro formar estoques para ter o que oferecer em troca daquilo que se quer. O mesmo acontece com os correspondentes que se possa ter em outros países; as despesas de correio, hoje, são bem altas e também sai caro comprar os selos pedidos pelo correspondente e, ainda se corre o risco de receber material não muito bem escolhido quanto a sua qualidade. Quando se estabelece um primeiro contato com um correspondente estrangeiro deve-se especificar aquilo que exatamente se quer receber e aquilo que se pode fornecer.

Os selos retirados das cartas podem servir para formar um estoque para eventuais trocas futuras, pois como são selos que estão em circulação no momento, provavelmente quase todos os filatelistas já os têm, mas futuramente terão menos procura.

É necessário lembrar que os selos retirados das cartas devem estar perfeitos,

caso contrário, não servirão para nada. Assim, devem ser retirados das cartas obedecendo a determinados cuidados especiais: primeiro, verifique se o selo está perfeito sobre o envelope, se não estiver, é melhor jogá-lo fora para que não se perca mais tempo com ele. O selo está perfeito sobre o envelope quando: todos os dentes estão certos, de bom tamanho sem qualquer falha, quando o selo não apresenta qualquer vinco ou amassado, quando a sua superfície está uniforme sem qualquer falha no papel, quando está limpo, sem carimbo borrado ou manchas de tinta ou sujeira, devido à má conservação do envelope. Estando o selo perfeito, com uma tesoura recorta-se um fragmento, dando um pequeno espaço de margem e joga-se esse fragmento em água limpa e quente, deixando-o nela até que o selo se solte inteiramente do fragmento, sem que seja preciso forçá-lo. Muda-se a água e coloca-se um pouco de sal (para fixar a cor do selo) e, o selo deverá ficar mergulhado até que saiam todos os resíduos de goma que possam ter ficado após retirá-lo do fragmento. Quando não houver mais qualquer viscosidade no verso do selo, ele deverá ser retirado da água e posto com a frente virada para baixo, sobre um papel poroso e absorvente, o papel jornal se presta muito a esse serviço. Quando o selo estiver apenas úmido, deve ser colocado dentro de um livro grosso, uma lista telefônica é o ideal, e ali deve ser deixado para que acabe de secar bem prensado, a fim de que fique inteiramente liso e sem dobras. Não é bom deixar acumular muitos envelopes para destacar os selos. Embora seja um trabalho fácil e sem qualquer mistério, requer paciência e capricho para que saia bem feito.

Se os envelopes estiverem bonitos, com selos perfeitos, um bom carimbo legível, estando limpo e bem preenchido, é preferível guardá-lo inteiro, pois envelopes são também peças importantes numa coleção de selos. Mas não adianta guardar envelopes que não estejam perfeitamente dentro dos critérios mencionados.

O selo, para poder fazer parte de uma coleção ou de um estoque para trocas, precisa estar absolutamente perfeito e bonito. O selo que não corresponder às exigências da escolha deve ser destruído sem qualquer hesitação. É de medíocre para baixo, uma coleção que apresenta selos defeituosos, sujos ou mal carimbados. É incabível que uma pessoa inteligente não tenha um critério rigoroso na seleção de seu material. É preferível não ter um selo a tê-lo fora dos padrões de qualidade exigidos.

A seleção dos selos deve ser feita com o mesmo cuidado também ao comprar ou trocar.

Embora seja uma expressão muito forte, não podemos deixar de dizer que uma coleção, em que os selos não são rigorosamente escolhidos, é "porca" e, não merece ser chamada de coleção. O único destino que existe para os selos estragados é a lata do lixo e jamais devem ser dados às crianças, para não acostumá-las mal já logo no início de sua vida filatélica.

Nas boas lojas filatélicas, os selos são sempre de excelente qualidade, pois o comerciante honesto não vende selos defeituosos ou mal conservados.

Para quem mora em cidades onde não há comércio filatélico, a compra de selos poderá ser feita pelo correio. Algumas lojas fornecem graciosamente, listas periódicas de selos e material filatélico para todos os filatelistas que estão cadastrados como correspondentes. Pela lista, o filatelista pode fazer a sua escolha e a aquisição é feita por carta. É tudo muito fácil e cômodo para o colecionador que receberá os seus selos em casa sem qualquer complicaçāo.

## C A P I T U L O VI

### COMO IDENTIFICAR E CLASSIFICAR UM SELO

Para quem já coleciona selos há algum tempo e, se acostumou a arrumar os seus selos nos lugares certos da coleção, identificar e classificar um selo, pode parecer uma brincadeira de criança. Entretanto, os que estão começando, encontram tantas dificuldades que, às vezes, se não forem persistentes, chegam a desistir. Realmente, não é tão difícil. Com o hábito e o uso constante do catálogo, torna-se uma tarefa bem agradável para as horas de lazer.

É preciso apenas aprender a olhar direito o selo. É engraçado, mas há muita gente que não sabe olhar um selo. Ou melhor dizendo, olha mas não vê. Se prestarmos bastante atenção num selo, veremos que ele apresenta uma porção de detalhes que nos ajudam a identificá-lo rapidamente :

- 1) Todos os países têm o nome grafado no selo, com exceção da Inglaterra, que tem apenas a efígie do soberano no período em que o selo foi emitido, prerrogativa por ter sido o primeiro país a emitir. A dificuldade que pode haver para identificar o país de origem, às vezes, é a grafia do nome que não corresponde ao nome pelo qual conhecemos determinado país. Como por exemplo: Sverige é Suécia, Helvetia é Suiça, Magyar é Hungria, Squiperia

ou Squipini é Albânia. Outro problema que pode haver é a grafia em alfabeto Cirílico ou Grego, como é usado nos selos da Rússia, da Bulgária, da Grécia e demais países que usam ou usaram essa forma de escrita. Pior ainda são os países do Oriente e da Ásia, que usam alfabetos completamente diferentes do Latino, do Cirílico ou do Grego e, também são muito diferentes entre si. Neste caso, precisaremos aprender alguma coisa sobre as moedas usadas por esses países, pois nos selos sempre vêm grafado o valor no sistema monetário do país e, assim, pela moeda poderemos ter um auxílio na identificação dos países. Ou então precisaremos aprender a captar determinados detalhes que são constantes em selos de determinados países em certos períodos. Mas isso é só com o tempo e com a prática que iremos assimilando.

2) Antes que percamos tempo procurando no catálogo, selos que não são postais, como estampilhas, etiquetas ou vinhetas, precisamos observar se o selo tem o valor da tarifa grafado. Se não tiver, já sabemos que se trata de etiqueta ou vinheta, não iremos encontrá-los no catálogo e, nem servem para a nossa coleção.

O selo postal distingue-se dos selos fiscais ou estampilhas, porque sempre que um selo for postal, haverá grafado nele qualquer palavra indicativa de correio na língua do seu país. Como por exemplo: nos selos de língua francesa, estará escrito: "Timbre Poste", nos selos de língua inglesa, haverá: "Postage Revenue"; nos selos de língua italiana, o termo é "Poste", seguido pelo nome do país; nos de língua espanhola, haverá a palavra "Correos" e, nos de língua portuguesa "Correio". Sempre haverá uma palavra semelhante a essas em línguas diferentes para os demais países. Se o selo for postal, nele também iremos encontrar informação sobre o seu tipo de uso, isto é, iremos saber se é aéreo, oficial, taxa, jornal ou beneficiante. São diferentes tipos que existem em separado no catálogo, mas que fazem parte da coleção do país, por se tratar de emissões oficiais.

3) Conforme o aspecto do selo, podemos identificar o período em que foi emitido, assim já iremos abrir o catálogo logo mais ou menos no lugar certo e não precisaremos estar olhando selo por selo, desde as primeiras páginas, como fazem as pessoas inexperientes. O motivo estampado no selo também poderá nos dar uma idéia mais precisa do período em que o selo foi emitido. A razão monetária grafada no selo, nos dá uma informação muito boa, pois determinados países, como por exemplo: Inglaterra e Estados Unidos, têm valores fixos para cada época e procurando no catálogo o

agrupamento de selos com o valor do selo que estamos identificando, facilmente iremos encontrá-lo. Por exemplo, a Inglaterra, durante todo o ano de 1978, emitiu suas séries com selos valendo: 9 p; 10 1/2p; 11 p; e 13 p (pence - fração da Libra). Um selo que tenha algum desses valores será encontrado no agrupamento de selos emitidos em 1978.

4) Muitos dos selos antigos já tinham a data grafada em alguma parte do selo e, atualmente, quase todos têm. Apenas alguns países continuam emitindo selos sem colocar o ano. A Inglaterra é um deles. A China não só coloca a data, como também coloca o número de emissão do selo e a posição do selo na série, se ele fizer parte de uma e, de quantos selos tal série é composta. Determinados países colocam o ano de emissão de maneira bem clara até mesmo fazendo parte do motivo dos selos, como no caso dos comemorativos brasileiros modernos. Outros, porém, colocam a data de forma quase que microscópica, em algum cantinho ou detalhe do selo. É preciso saber procurar. E, com a prática, iremos assimilando as manhas de cada país, pois todos eles têm características próprias, que podem nos ser de grande serventia, quando as conhecemos.

Com as informações obtidas observando o selo, iremos procurá-lo e encontrá-lo com maior facilidade no catálogo. Geralmente, cada selo tem a sua reprodução no catálogo, para que possamos localizá-lo. Estando o selo localizado, é preciso também que saibamos ler aquilo que está escrito no catálogo, para que o selo possa ser bem classificado. Normalmente, antes do número, há uma série de referências que devemos ler atentamente. Logo após a data de emissão vem a descrição do motivo do selo e algumas características próprias (cor, tipo, tamanho, denteado, papel, filigrana, e o que for preciso para diferenciá-lo dos demais). Se faz parte de uma série, também virá especificado e se os selos da série forem todos diferentes e não houver uma reprodução para cada selo, haverá a descrição de cada um para permitir a identificação correta da série. Depois disso, vem o número do selo, se for isolado ou a seqüência de números em se tratando de uma série. Ao lado de cada número há o valor facial do selo, a cor e o preço em duas colunas. Na primeira coluna, o preço do selo novo e, na segunda coluna, o preço do selo usado. Se houver variedades de um selo, elas estarão apresentadas sob o selo tipo, indicadas com letras minúsculas e em ordem alfabética, no caso de mais variedades para um único tipo de selo. Quando há uma letra maiúscula ao lado de um número na seqüência normal do catálogo, trata-se de um selo tipo

que faz parte daquela seqüência, mas que, por um motivo qualquer, só foi incluído após o catálogo já estar feito e em uso. Os números do catálogo são sempre os mesmos e jamais são alterados de uma edição para outra. Assim, se houver alguma inclusão, ela será feita com o uso de uma letra maiúscula após o número que irá repetir o número do selo anterior. No caso de haver uma exclusão, o número simplesmente deixará de existir, para que não ocorra qualquer alteração na seqüência numérica do catálogo.

É muito importante verificar se não há qualquer observação a mais a respeito do selo ou da série que estamos classificando. Essas observações que aparecem para uma grande quantidade de selos geralmente estão sob o selo impressas em letras menores.

Aqui segue um exemplo bem detalhado do que foi dito: trata-se de uma série de Portugal emitida no ano de 1978. Como este exemplo está sendo extraído do catálogo francês Yvert et Tellier, para que se tenha uma idéia bem exata, esta apresentação será feita em francês, da mesma forma que está no catálogo.

1978 - Série courante. Instruments de travail (I). Sans équerre de phosphore pour le 20 e Dentelés 12 1/2.

1368	4e. violet, olive et brum	1	1
1369	5e. brum, gris et violet	1.25	1
1370	6e. noir, bistre et sépia	1.50	1
1371	7e. gris-bleu, gris e sépia	1.75	1
1372	20e. multicolore	4.50	3
	a. (Avec équerre de phosphore) (1985)	2.25	1
	N. 1368 a 1372 (5 val.)	10	7

Voir également les n. 1408 a 1412 (1979), 1450 a 1457 (1980), 1532 (1982), 1572, 1573 et 1587 (1983).

Dessa forma, podemos ficar sabendo que a série em questão é corrente (definitiva, comum ou regular) que tem como motivo instrumentos de trabalho e é a primeira série de um grupo com o mesmo motivo, só o selo de 20 escudos (moeda portuguesa) foi emitido sem moldura de fósforo e que o denteado dos selos é 12 1/2. Daí logo vemos que é composta por cinco selos sendo que o valor facial de cada um é de : 4e., 5e., 6e., 7e. e 20e. Temos o preço em francos para a série inteira e o preço de cada selo tanto para selos novos como para os selos usados. A letra "a" sob o número 1372 está indicando que o selo de 20 escudos com moldura de fósforo foi emitido em 1985. Portanto, se tivermos um selo de 20 escudos e colocando-o sob a lâmpada ultra-violeta, descobriremos que ele tem uma moldura fosforecente e, já saberemos que ele faz parte

dessa série. As variedades são consideradas fora da série, portanto o colecionador não é obrigado a tê-las para considerar a sua série completa. Os catálogos também não somam o preço das variedades à série. Depois de tudo isso que soubemos a respeito da série, vamos descobrir, pela observação, que em 1979, 1980, 1981, 1982 e 1983 foram emitidas novas séries ou selos isolados do mesmo tipo, com o mesmo motivo, como quase sempre acontece com as séries correntes.

Com a prática, iremos aprendendo a aproveitar cada vez mais as informações obtidas no catálogo. É justamente por essa razão que todo aquele que pretende colecionar selos deve possuir um catálogo, mesmo que antigo. Sem o catálogo, é impossível classificar selos e fica fora de questão fazer qualquer tipo de coleção que envolva organização seqüencial ou estudo.

Devidamente classificado, o selo deve ser guardado no classificador com uma etiquetinha ao lado, onde deverá constar no alto o número; logo abaixo, o ano e, depois, se ele fizer parte de uma série, o número do selo do início e o número do selo do final da série. Assim, saberemos só de olhar, se o selo faz parte de série ou é emissão isolada. Se tivermos a série completa, é bastante colocar uma única etiqueta para todos os selos com os números inicial e final separados por uma barra. Assim, já saberemos que a série está completa.

No momento em que classificamos e guardamos um selo, devemos também assinalar o catálogo. O melhor modo de marcar os selos que já possuímos, é fazendo um ponto ao lado do número e sublinhando o preço do selo novo, se o tivermos novo e o preço do selo usado, se o nosso for usado. As marcas devem sempre ser feitas a lápis para que possam ser apagadas se houver alguma modificação (podemos trocar um selo novo por usado ou vice-versa) ou cometermos algum erro na classificação: isto ocorre com muita freqüência quando estamos trabalhando com os selos bem antigos, muito mais difíceis de serem identificados e classificados.

Com as variedades, é preciso que se tome um cuidado especial ao guardá-las, para que futuramente não as confundamos com o selo tipo. O melhor modo é que a etiqueta de identificação seja preenchida com caneta vermelha. Além disso, a variedade não deve ser colocada ao lado do selo tipo e sim, após o final da série, ficando um bom espaço entre uma e outra.

Os selos isolados não devem ficar sobrepostos no classificador, devem ficar lado a lado; já as séries, para que com um golpe

de vista possa se identificar se é série ou não, devem ficar com os seus selos ligeiramente sobrepostos e, numa única tira do classificador. Não se deve interromper uma série em hipótese alguma; somente se ela for muito comprida, poderá ficar em duas ou mais tiras, mas daí, deve-se marcar muito bem o seu começo e o seu final, para que não haja qualquer confusão com os demais selos, que estiverem antes ou depois.

Para as coleções temáticas, o método de classificação e organização também é o mesmo. Todos os selos de um determinado tema deverão ser separados por países; os países deverão estar em ordem alfabética divididos por continentes e os selos isolados ou séries deverão ser arrumados em seqüência numérica do catálogo. Principiantes que ainda não possuam o catálogo ou crianças que tenham muita dificuldade para usá-lo, por ser em língua estrangeira, poderão fazer uma arrumação provisória, apenas separando os selos por países e colocando os países em ordem alfabética por continente, como facilmente irão encontrar no guia de países no final deste livro.

C A P I T U L O VII  
OS CUIDADOS QUE DEVEM SER DISPENSADOS  
A UM SELO

Para que uma coleção tenha um bom aspecto, é necessário que todos os selos que a formam estejam também com um bom aspecto. Assim, no mesmo momento em que estamos classificando os selos, devemos ir pondo de lado aqueles que dependam de algum tratamento especial para ficarem bonitos.

Os selos que tiverem pedaços de papel ou charneiras no verso, deverão se descolados em água limpa e, depois colocados para secar e prensados, como já foi descrito anteriormente, quando foi ensinado a descolar um selo do envelope (capítulo V página 66). Os selos que estão com aquela aparência de coisa velha, meio amarfanhada, também deverão ser lavados e, no momento de prensá-los, caprichar, pondo mais peso sobre o livro em que estiverem. Caso, após a prensa, a aparência ainda não seja inteiramente satisfatória, será preciso umedecer ligeiramente duas lâminas de papelão fino e poroso, com todo cuidado, colocar o selo entre elas e secar o papelão com o ferro de passar roupas. Se, desta forma, não ficar bom, é porque o selo está amassado mesmo ou com o papel vincado. Para estes, infelizmente, não há qualquer solução.

Para os selos que tiverem manchas de ferrugem, o tratamento é um pouco mais complicado e perigoso. Primeiro, deveremos lava-los em agua limpa para tirar quaisquer resíuos de goma ou papel aderido; ficando absolutamente limpos (apenas a ferrugem permanece), devem ser postos para secar; não é preciso prensá-los. Quando estiverem bem secos, deverão ser postos para flutuar e nunca imersos (a não ser que a ferrugem tenha também passado para a frente do selo) na seguinte solução: para meio litro de água, coloca-se duas colheres de sobremesa de água sanitária. Os selos deverão permanecer nessa solução durante dez minutos, no máximo. Em seguida, devem ser imersos na água limpa com um pouco de sal de cozinha, por mais dez ou quinze minutos e, depois postos para secar e prensar como para a lavagem simples do selo. Neste tipo de limpeza, corre-se o risco de estragar o selo, pois conforme o tipo de impressão, as cores podem se desbotar rapidamente com a água sanitária. O sal, que deve ser colocado na água limpa, é justamente para fixar a cor. Os selos gravados são os que correm menos risco e, os tipografados, às vezes, já desboram botam só com a água limpa. Com a prática, os riscos vão diminuindo; assim é bom que se aproveite selos estragados para ir treinando nesse tipo de limpeza.

Se a ferrugem estiver só nos picotes, como é frequente acontecer, o melhor modo de tirá-la, é com um cotonete embebido na solução de água sanitária, que deverá ser aplicada apenas nos locais onde há ferrugem, quando o selo já estiver seco da primeira lavagem. Após dez minutos, no máximo, da aplicação, o selo deverá ser mergulhado em água limpa com sal e seguir o procedimento comum a qualquer lavagem de selo.

Alguns selos apresentam manchas de óleo ou gordura que podem ser tiradas da seguinte forma: com um cotonete, aplica-se terebentina em toda superfície do selo, até que ele também fique bem embebido. Depois deve ser posto para secar entre duas folhas de papel poroso limpo e, de preferência, novo. Em seguida, o selo deve ser mergulhado num pouco de éter até que desapareça a transparência deixada pela terebentina; lava-se em espuma de sabão de côco e, depois o selo deve ser mergulhado na água limpa com sal, afim de livrá-lo de toda a química que ainda possa resstar. Este processo de limpeza é ainda mais perigoso do que o anterior e, selos com cores muito fracas, de modo algum, podem passar por ele.

Os selos amarelados e escurecidos pelo

tempo podem voltar à cor primitiva com um banho de água fria em que, progressivamente, se vai pingando um pouco de água oxigenada. É preciso prestar bastante atenção à dosagem de água oxigenada e ao tempo de imersão do selo para que não se estrague o selo que, em vez de recuperar a cor primitiva, acabará perdendo-a. Em seguida, mergulha-se o selo em água limpa com sal.

Não se deve, em hipótese alguma, regomar um selo. Se um selo novo precisar ser lavado e, com isso, perder a sua goma original, sem goma deverá permanecer. Em primeiro lugar, um selo regomado nunca fica exatamente igual a um selo com goma original e, qualquer um que tenha um mínimo de conhecimento de filatelia, imediatamente perceberá que o selo está regomado. Quem regoma um selo, está enganando apenas a sé mesmo. Regomar um selo não só é um processo porco, como também é ridículo. Os antigos comerciantes e colecionadores tinham mania de regomar os selos, achando que assim ficariam mais bonitos. Felizmente, essa fase está encerrada, mas ainda vemos os horrorosos remanescentes desse período rodando por aí em inúmeras coleções.

Outra coisa que é ridículo fazer, é tentar consertar um selo. Não há a mínima diferença entre um selo estragado e um selo regomado, ambos não valem nada. São admissíveis numa coleção, estragados ou com algum conserto, aqueles selos que valem alguns milhares de dólares. Os restantes, mesmo sendo caros ou caríssimos, se valerem 10 % do valor deles em perfeitas condições é muito. É ladrão quem os vende, burro quem os compra e, ridículo quem os tem estragados e faz remendos dos para colocá-los na coleção.

Também é elemento nocivo quem coloca algum tipo de carimbo para o selo novo passar por usado ou, então, corta os picotes dos selos para fazê-lo passar por um não denteado. São práticas desonestas, as quais não descem aos indivíduos íntegros. O iniciante, ingenuamente, poderá pensar que é só para o efeito de preencher espaços que estão em branco na coleção e, um selo só aqui e outro ali nem fará diferença no volume da coleção. Já imaginaram o que aconteceria se todos pensassem do mesmo modo ?

Algumas informações sempre são úteis para o iniciante saiba conhecer os selos:

1. - Quanto à regomagem : a aparência da goma geralmente é diferente da original, quer na cor, quer na textura ou na aplicação. Por comparação com outro selo igual, ou da mesma série ou do mesmo período, sendo do

mesmo país, pode-se perceber se o selo é regomado ou não. Os selos regomados sempre têm os picotes mais duros ou ásperos do que aqueles les com a goma original. Por comparação também será fácil de sentir no tato. Se o selo estiver regomado, o melhor será lavá-lo. Aqui no Brasil, os selos novos, devido ao problema da ferrugem, que é característica do nosso clima, já são pagos geralmente pelo valor do preço mínimo, que serve para selos lavados; assim, nós não temos o problema de estar sendo lesados. Problema teríamos se estivéssemos pagando mais de 50 % dos preços do catálogo.

2. - Quanto ao carimbo falso: aqueles carimbos que pegam só um cantinho do selo e não passam de uns tracinhos ou borrões são muito duvidosos, principalmente se o selo carimbado custar mais caro do que o novo, como no caso da maior parte dos selos da Suíça. Também é bom que se aprenda a observar os carimbos, a ler e fazer comparações. Há determinados selos que só circularam num certo período de tempo, portanto, vendo a data do carimbo e comparando com o período de circulação do selo, já poderemos dizer se o carimbo é falso ou não.

Falando em carimbos, é bom lembrar que o carimbo roxo ou azul que, muitas vezes, aparece em selos da Inglaterra ou das Colônias Inglesas, é um carimbo fiscal e, significa que o selo não circulou, mas serviu em algum documento como estampilha. Tais selos têm os valores muito reduzidos.

3. - Quanto aos selos não denteados: para se saber se o selo é mesmo originariamente não denteado, basta sobrepor a um igual, porém denteado. Se forem ambos do mesmo tamanho, pode-se ter certeza de que o selo é originariamente não denteado. Teoricamente, para os selos comemorativos modernos, a largura das margens deve ser a mesma, pois os selos são impressos com as mesmas matrizes nos mesmos papeis; apenas alguns deixam de ser picotados. Com os antigos também ocorreu fato semelhante, usaram uma matriz, emitiram uma série sem picotar os espaços entre os selos e, mais tarde, por praticidade, ao usarem novamente a mesma matriz, passaram a picotar os selos emitidos em algum outro papel ou até no mesmo papel.

4. - Quanto aos consertos : sempre que houver papel aderido ao verso do selo, o mesmo é suspeito, enquanto o selo não for lavado, não se pode saber o que há por baixo do papel. Qualquer aspereza ou alteração na superfície do selo pode ser um remendo. Para se ter certeza de que o selo esteja absolutamente

são, é preciso que ele esteja inteiramente limpo e não apresente qualquer alteração à vista ou ao tato. A frente do selo também pode ser retocada, é preciso usar uma lente para ver se não há qualquer modificação, por minúscula que seja. Todos esses cuidados são válidos para selos de preço médio para cima; ninguém iria se dar ao trabalho de consertar selos baratos.

## C A P I T U L O VIII

### OS VARIOS TIPOS DE SELOS EMITIDOS

#### OFICIALMENTE

CORREIO MILITAR, - selos usados para correspondência militar. Embora aqui no Brasil, não tenha existido, em vários outros países foram muito usados.

SELO BENEFICIENTE, - é o selo emitido com a finalidade de arrecadar fundos para obras assistenciais do país. Alguns países estipulam que, em certas datas, seja usado na correspondência um selo adicional aos da franquia em vigor. Podemos citar como exemplo o nosso selinho da Hansenáse que, obrigatoriamente, temos que usar na correspondência durante a última semana do mês de novembro. A arrecadação desse selo é destinada ao combate ao Mal de Hansen.

SELO COMEMORATIVO, - é um selo emitido para comemorar um acontecimento, homenagear uma personalidade, divulgar o patrimônio artístico e cultural, propagar idéias, campanhas ou mostrar a natureza. O primeiro selo comemorativo do mundo foi emitido em 1871 pelo Peru, para celebrar a inauguração dos Caminhos de Ferro dos Chorrillos ao Callao. Nos selos comemorativos sempre há alguma legenda para especificar o que está sendo prestigiado.

SELO DE CORREIO AEREO, - foram emitidos para franquear a correspondência aérea, mas seu uso não foi obrigatório na correspondência transportada por via aérea e nem foi de uso exclusivo da mesma. Nele, há sempre a legenda aéreo na língua do país emitente.

SELO COMUM, REGULAR, ORDINARIO OU CORRENTE, - é o selo cuja única finalidade de sua emissão é franquear a correspondência. Além do nome do país e do valor nada há escrito nele.

SELO DE ENCOMENDAS POSTAIS, - é o selo emitido com a finalidade de franquear volumes enviados pelo correio como encomendas. Já não é mais emitido, pois para esse fim, podem ser usados selos comemorativos ou regulares ou aéreos.

SELO EXPRESSO, - é o selo emitido para franquear carta que tinha um tratamento diferenciado e seguia de maneira mais rápida do que a correspondência normal. Já não é mais emitido, pois não há mais essa espécie de correspondência.

SELO FISCAL-POSTAL, - alguns países permitiram o uso de selos fiscais para franquear a correspondência em situações excepcionais. Como, por exemplo, quando acabavam os selos postais à disposição da agência de correio em localidade muito distante.

SELO DE JORNAL, - foi um selo emitido com a finalidade de franquear periódicos. Atualmente, já não emitem mais selos de jornal, podendo os periódicos usar selos regulares ou comemorativos em sua franquia.

SELO LOCAL, - é o selo emitido numa cidade ou região e se destina a franquear apenas a correspondência que circular na cidade ou região.

SELO DE TAXA DEVIDA, PORTEADO OU MULTA, - é o selo emitido com a finalidade de completar o valor da franquia da correspondência e, assim, é pago pelo destinatário, quando a recebe, Se o destinatário se recusar a pagar a taxa devida, a correspondência será devolvida ao remetente. Aqui no Brasil, já não são emitidos. A correspondência multada é retirada num guiché especial do correio e o valor da multa é escrita a caneta num canto da correspondência.

SELO OFICIAL, - foi um selo emitido com a finalidade de selar a correspondência oficial, isto é, a correspondência expedida por órgãos do Estado. Já não é mais emitido, sendo a correspondência oficial selada da mesma forma que a correspondência comum.

SELO PRÉ OBLITERADO, - é o selo emitido já com marca de inutilização para ser usado na correspondência das grandes empresas, que é volumosa e acarretaria muito trabalho dos funcionários do correio para carimbá-la ou passá-la na máquina. Dos poucos países que usaram este sistema, apenas a França ainda emite selos com essa finalidade.

SELO DE TELEGRAFO, - destinava-se ao pagamento de taxas telegráficas, mas durou pouco este sistema de pagamento, porque era pouco prático.

C A P I T U L O   I X  
O   M A T E R I A L   F I L A T E L I C O

Como qualquer outra atividade, a filatelia também tem suas ferramentas e instrumentos próprios, que são fabricados especialmente com a finalidade de auxiliar o trabalho do filatelista. Qualquer improvisação ou substituição não dará certo e, pior ainda, poderá ocasionar algum prejuízo ao selo durante o manuseio ou na sua conservação.

AGUA OXIGENADA - Para reavivar a cor do selo. Deve ser da mais fraca, 10 volumes, de boa marca, para garantir a qualidade e, guardada em vidro bem fechado e rotulado para não haver confusão com os demais líquidos. Seu uso é com o conta-gotas.

AGUA SANITARIA - Cândida, Quiboa o qualquer outro alvejante de roupas, a base de cloro. Serve para tirar ferrugem (telemicose) dos selos. Deve ser guardada em vidro bem fechado e rotulado, para que não se confunda com os demais produtos químicos que fazem parte do equipamento do filatelista. Pode ser usada com colher ou conta-gotas.

ALBUM - Selos em caixas ou envelopinhos não deixam de ser selos, mas não podem ser chamados de coleção. Uma coleção é composta por selos classificados, organizados e acondicionados em álbuns ou classificadores. O álbum não é tão prático quanto o classificador, mas é menos dispendioso, mais seguro e também valoriza muito mais os selos mostrando-os melhor e de maneira mais estética. Há dois tipos de álbuns fabricados exclusivamente para selos.

Os álbuns com folhas brancas ou milimetradas servem para qualquer tipo de coleção e, as folhas são montadas de acordo com o gosto do filatelista, que procura dispor os selos de maneira harmoniosa e elegante sem fugir muito à ordem do catálogo nas coleções do país. As folhas próximas já vêm com margens. Consultando o catálogo, o colecionador fica sabendo a quantidade de selos e o formato de cada um numa série. Se ele a tem incompleta, poderá desenhando as molduras, já deixar o lugar preparado para completá-la posteriormente, mas é só preciso mediá-la tracando muito dando-lhe apenas uma ligeira folga ao redor do selo, para que fiquem bonitas. É um trabalho que para ficar bom requer muito capricho e paciência, caso contrário, ficará grosso. As molduras devem ser apenas um traço fino, preto, feito de uma só vez e sem qualquer vacilação ou emenda. As folhas

milimetradas tornam essa tarefa mais fácil. Dizemos que uma folha é milimetrada quando ela apresenta em sua superfície um quadriculado miúdo. Nas folhas especiais para selo, esse quadriculado é bem clarinho em amarelo ou cinza.

Há os álbuns especiais, feitos para coleções específicas de países. Neste tipo de álbum, cada selo já tem o seu lugar emoldurado e identificado com a sua reprodução, tornando muito mais fácil a arrumação da coleção. Mesmo quem não tenha um catálogo poderá colecionar de maneira correta se usar este tipo de álbum. Anualmente, saem os suplementos de atualização com todos os selos emitidos durante o ano anterior. Para a coleção de selos do Brasil, temos bons álbuns fabricados aqui mesmo e, para selos estrangeiros será preciso mandar buscá-los na Europa ou Estados Unidos. Algumas lojas filatélicas fazem importação desses álbuns sob encomenda. É um artigo caro, mas vale a pena, principalmente para aqueles que tem pouco tempo para dedicar a coleção.

CADERNO DE SELO - É um caderno próprio para se afixar os selos repetidos que servirão para trocas. É a melhor forma de manter um estoque de trocas em ordem e, é a forma mais segura para transportar os selos para os locais onde serão trocados e, também a mais segura para oferecê-los. Infelizmente, é preciso tocar neste assunto, melhor seria se não houvesse motivos para tal comentário, mas o caderno é a única forma de evitar ou, pelo menos, dificultar o furto que ocorre com muita freqüência entre filatelistas. Há pessoas desonestas envolvidas em todas as atividades humanas e, é muito triste dizer que entre os filatelistas também há elementos capazes de tamanha baixeza e, como os selos são pequenos e fáceis de se escamotear e esconder quem não toma o muito cuidado quando estiver trocando, poderá ser roubado. Como usar o caderno: o caderno é todo quadriculado com um quadrado para cada selo. No alto de cada quadrado há um lugar para o número e, embaixo, um lugar para o preço. À medida em que os selos forem sendo retirados, os quadrados devem ser marcados com um carimbo próprio para cada pessoa. Geralmente, usam as letras iniciais do nome ou um dos nomes. Quando o proprietário do caderno entregá-lo para alguém escolher alguns selos, deverá ter o cuidado de verificar que todos os quadrados vazios estejam carimbados e se não estiverem, carimbá-los na hora. O proprietário do caderno deverá fazer com que a pessoa que irá escolher os selos também verifique junto com ele, que não há qualquer quadrado vazio sem carimbo. Depois desse cuidado, é só conferir os quadrados vazios

sem carimbo, após o parceiro de trocas ter feito a sua escolha, e fazer as contas da troca. A pessoa que escolher os selos é responsável por todos os quadrados que ficaram vazios e sem carimbo. Logo que a transação esteja terminada, os quadrados que foram desocupados deverão ser carimbados para o caderno já ficar pronto para uma nova oportunidade de troca. Quem leva cadernos para as feiras de trocas, deverá levar consigo o carimbo, pois assim estará sempre pronto para todas as oportunidades quâ surgirem.

CANETAS E LAPIS - Canetas para marcação de etiquetas de identificação ou cadernos e para riscar margens. Sempre do tipo fino, em azul, para escrever nas etiquetas de selos comuns e, em vermelho, para as variedades. Usa-se o azul também para marcar número e preço dos selos nos cadernos. Para riscar as margens e molduras nas folhas do álbum fica melhor a tinta preta.

Os lápis são para marcar o catálogo. Ou o número dos selos no verso dos mesmos. Marcar o número dos selos no verso é prático e facilita no trabalho de organização, mas isso deve ser feito apenas em selos sem goma, bem de leve e com uma ponta fininha para que o selo não fique muito marcado. Nos selos gomados jamais se usa o lápis.

Deve-se ter uma caixinha ou, melhor ainda, um estojinho fechado que possa ser transportado, só para guardar canetas, lápis, apontador e borracha. Este material é usado em muitas outras atividades, mas o filatelista deverá tê-lo em separado só para o seu trabalho com selos.

CATALOGO - Se para o religioso, a Bíblia é o guia de organização da vida, para o filatelista, o guia de organização da coleção é o Catálogo. Não se pode colecionar direito um país sem possuir um catálogo e, até mesmo para coleções temáticas, existem catálogos especiais. De edição nacional, temos apenas o catálogo brasileiro. Atualmente, temos dois catálogos, ambos considerados muito bons por comerciantes e colecionadores. O mais antigo com muitos anos de tradição e aperfeiçoamento é o RHM. É uma edição de luxo em dois volumes, bem completa, muito especificada e trás tudo que um filatelista precisa saber para fazer uma coleção avançada e profunda dos selos do Brasil. O outro, bem recente, é o Catálogo Ruller, que já tem uma apresentação mais simples e num único volume, custa muito menos e é indicado para crianças e principiantes, pois seu manuseio é muito mais fácil e não há tantos detalhes.

Os catálogos gerais são todos estrangeiros. Aqui, no Brasil, os mais usados são pela ordem de popularidade: o catálogo francês Yvert et Tellier, devido a similitude lingüística, foié aqui usado desde o início da nossa filatelia, mas isto não quer dizer que seja o melhor; como todos os catálogos gerais incorre em muitos erros e falhas, pois é um trabalho imenso coligir todas as emissões do mundo. A seguir, temos o Catálogo Scott, americano que é o mais usado no mundo atualmente devido ao Inglês ter-se tornado a língua internacional e o dólar, a moeda do mundo. Talvez seja o melhor catálogo por ser uma edição séria, precisa e descomplicada. O catálogo alemão, o Michel, sem dúvida alguma, é o mais perfeito de todos e, para estudos é o mais indicado, pois chega às minúcias mais desapercebidas que se possa imaginar. Mas justamente por ser tão minucioso, torna-se muito complicado e, dessa forma, não pode ser considerado o melhor catálogo por não caber na preferência geral. Hojá em dia, os detalhistas são poucos e tornar-se-ão um grupo menor ainda por falta de tempo e de selos para se chegar à extravagância de tantas minúcias. Qualquer um desses catálogos, precisa ser encomendado nas lojas filatélicas sempre antes do mês de junho, quando são feitas as encomendas dos novos catálogos. As lojas só fazem a importação sob encomenda prévia e mediante sinal, porque os catálogos gerais são muito caros.

CHARNEIRA, - Servå para afixar os selos usados nos álbuns ou cadernos. É feita em papel transparente gomado com uma cola muito leve, especia para ser usada no selo sem agredi-lo demais. Tem o formato de um pequeno retângulo, medindo mais ou menos dois centímetros de altura por um centímetro e vinte e cinco milímetros de largura. Uma de suas extremidades tem uma dobra de aproximadamente vinte milímetros. É usada da seguinte maneira: com a pontinha da língua, deve-se umedecer ligeiramente as duas extremidades gomadas. A seguir, com muito cuidado a extremidade dobrada é fixada no verso do selo, uns dez milímetros abaixo dos picotes da parte superior para não lesá-los. A outra extremidade, com a charneira já presa ao selo, deve ser afixada ao álbum ou caderno, estudando-se bem o enquadramento do selo em seu lugar para que não fique torto. O procedimento deve ser rigorosamente este para que o selo fique inteiramente livre e possa ser examinado por trás. Se a charneira fo afixada no meio, o selo não poderá ser virado. Se a charneira estiver muito umedecida, o selo ficará inteiramente grudado na folha e, então, corre-se o risco de estragá-lo ou de estragar a folha. Uma vez que se tenha

colocado uma charneira no selo não poderemos puxá-la enquanto a goma não estiver bem seca para que não estraguemos o selo ou a folha. Convém esperar umas três ou quatro horas, para que não reste mais qualquer umidade na charneira. A melhor maneira de desprender uma charneira do selo é lavando-o, só deveremos puxá-la para retirá-la da folha em que o selo está afixado. Para isso, devemos pegar o selo bem no ponto em que a charneira está presa e forçando apenas a charneira, puxá-la com um movimento seguro de cima para baixo; assim, conseguiremos soltá-la inteira sem que se arrebente e, ao mesmo tempo, a manteremos ainda fixa ao selo para que o selo possa novamente ser afixado com a mesma charneira. Quanto menos charneiras forem postas num selo melhor. A charneira não deixa de ser uma agressão ao selo, assim para tornar menor essa agressão, pode-se cortá-la ao meio no sentido da altura. Para que não se perca tempo no momento em que se está trabalhando com os selos, é mais prático já cortar antes uma boa quantidade de charneiras dentro de uma caixinha.

CLASSIFICADOR - É um livro próprio para guardar os selos que ainda estão por arrumar ou então para ir classificando os selos e, guardando-os até o momento de montar realmente a coleção. Muita gente, monta as coleções em classificadores. É bastante prático, no caso de quem tem uma ou duas coleções; entretanto, para quem tem muitas coleções, além de sair muito caro, ocupará muito espaço. No classificador, cabem menos selos do que nos álbuns e, se compararmos um álbum e um classificador da mesma espessura, veremos que o classificador terá muito menos folhas do que o álbum. Não havendo problema financeiro ou de espaço não há nada em contrário em se fazer as coleções nos classificadores.

Os classificadores podem ser de vários tamanhos, mas têm sempre o formato de um livro. Suas folhas são de papel grosso (branco ou preto) com tiras de papel manteiga ou celofane paralelas, no sentido de sua largura. Tais folhas são intercaladas com folha de papel fino transparente. Os selos são colocados nas tiras transparentes, postos lado a lado e não sobrepostos uns aos outros, como se vê por aí, para que possam se bem visualizados e também para que as tiras não se afrouxem com o correr do tempo. Por essa mesma razão, as etiquetas de identificação que forem usadas deverão ser feitas com cartolina bem fina. Não se deve colocar nada de volumoso nas tiras de classificador, como por exemplo, cadernetas ou envelopinhos contendo vários selos.

CONTA-GOTAS - Para poder trabalhar com os

produtos químicos recomendados para os cuidados que se deve ter com os selos. Cada produto deve ser usado com o seu próprio conta-gotas. Assim, se os vidros já não tiverem as tampas com conta-gotas, é preciso que se tenha um para cada vidro. A melhor forma para não misturar os conta-gotas e mantê-los junto com o produto é passar uma cinta de elástico em cada vidro e prender nela a conta-gotas.

CUBAS DE VIDRO - Para lavar os selos. Vasilhas de forma retangular em vidro grosso. Não existem exclusivamente para lavar selos e são usadas para essa finalidade aquelas de cozinha em vidro refratário. Mas as do filatelista devem ser usadas exclusivamente para lavar selos e não devem ficar misturadas com os apetrechos de cozinha. Após o uso, devem ser lavadas e guardadas junto com o resto do material filatélico. É imprescindível essa separação dos utensílios de cozinha, para que não se corra o risco de manchar os selos com resíduos microscópicos de alimentos ou gordura, que podem permanecer nos utensílios de cozinha. É também, por uma questão de ordem e princípio, todo material filatélico deve ser separado dos demais objetos da casa, arrumado e guardado junto, próximo à superfície de trabalho usada para a atividade filatélica, para estar sempre a mão no momento em que for preciso usá-lo; dessa forma, não se perderá tempo procurando coisas para fazer improvisações, não se incomodar ninguém e, será mínima a bagunça para ser arrumada após o trabalho. Como usaô: é indispensável que se tenha duas cubas, uma para água limpa e outra para a solução que for necessária usar. Para evitar confusões perigosas, é bom que sejam de tamanhos diferentes para que se possa diferenciar bem qual contém a água limpa e em qual está a solução química.

ENVELOPES TRANSPARENTES - Para guardaô os selos ainda não classificados. São feitos de vários tamanhos, em papel manteiga, para guardar vários tipos de selos ou peças filalelicas. Não se deve escrever sobre os envelopes a fim de que possam ser reaproveitados. Qualquer anotação deve ser feita em quadrados de papel que serão guardados dentro dos envelopes sobre os selos, para que, sem tirá-los do envelope, se possa ler o que está escrito. Não se deve fazer dos envelopes um vício, pois é errado deixar os selos muito tempo sem classificar e, mais grave ainda, é deixar acumular muitos envelopes com selos. Os selos que vão ficando assim em desordem e se juntando a outros, outros e mais outros, num determinado momento, se transformarão num pesadelo insolúvel.

ETER, - Para livrar o selo da terebentina. Deve ser de boa marca, para que seja de boa qualidade, sem qualquer mistura e permanecer guardado em vidro bem fechado e rotulado, para que não se misture com os outros produtos químicos. Deverá haver um pequeno recipiente, onde possa ser derramado, a fim de que se mergulhe nele o selo. Pode ser um filigranoscópio destinado apenas a estetralho. Depois de usado, deve voltar para o vidro, pois poderá sempre ser reaproveitado. O banho de éter que se dá no selo é muito rápido: deve-se colocá-lo e imediatamente tirá-lo.

FILIGRANOSCOPIO E BENZINA, - Para verificar filigranas. O bom filigranoscópio é de plástico preto, no formato de uma bandeja, medindo mais ou menos dez centímetros de comprimento por cinco de largura. Existe à venda nas lojas filatélicas. Deve ser guardado dentro de uma capinha de flanela para que não fique empoeirado. A benzina, deve ser benzina retificada e de boa marca, para que não estrague o selo. Se a benzina for de má qualidade, poderá ser misturada com água e, dessa forma, porá a goma dos selos novos em risco. Para melhor aproveitamento, o vidro precisa estar sempre bem fechado e, usa-se um conta-gotas para pingar a quantidade que for necessária para a verificação do selo. O vidro deve ter um rótulo onde se leia claramente o seu conteúdo, a fim de não ser confundido com outros líquidos, que é preciso ter para o trabalho com selos.

HAWID, - Marca do primeiro protetor para selos que, acabou servindo para designar também os protetores de outras marcas. O Hawid original é alemão e, é de longe, o melhor. O Hawid serve para proteger o selo de qualquer contato com elementos que possam agredi-lo: charneira, poeira, umidade, telemicos (ferrugem). Seu uso é obrigatório no selo novo gomado e facultativo no selo novo sem goma ou no selo usado. São tiras duplas de um acetato especial, entre as quais se coloca o selo; pode-se dizer que é uma capa para o selo. Para cortá-lo nas dimensões do selo, pode-se usar tesoura, estilete com régua de vidro ou metal e, melhor ainda, a guilhotina, que já é feita para essa finalidade e torna o trabalho mais rápido e perfeito. Os Hawids vêm em pacotes normalmente com vinte e cinco ou dez tiras de 21 centímetros de comprimento, com várias medidas de largura, indo dos dois centímetros até os oito centímetros e seis milímetros e, fora essas medidas, existem as especiais para blocos e peças maiores. Nas lojas filatélicas, poderão ser encontrados os alemães, os argentinos e os nacionais. Embora os Hawids sejam gomados, não se deve aderi-lo diretamente ao papel, pois uma vez colado, não poderá

ser reaproveitado. O melhor modo de fixá-lo no álbum ou caderno é com uma charneira, seguindo o mesmo processo que se usa para afixar o selo. O ideal seria colocar todos os selos de uma coleção ou caderno em Hawid, entretanto por tratar-se de um artigo caro, recomenda-se que seja usado pelo menos em todos os selos gomados e nos de preço médio para cima, sejam eles novos sem goma ou usados.

LENTE OU LUPA, - Para examinar detalhes do selo. Existem de vários tipos e de vários tipos de material. Existem algumas com régua, outras com foco de aproximação fixo, algumas com iluminação própria. Existem as lentes em forma de cartão de visita, que podem estar sempre a mão na carteira, para qualquer oportunidade que se apresente de improviso. O mais importante é que a pessoa use aquela com a qual se adapte melhor.

ODONTOMETRO, - Usado para medir o denteado dos selos. Os bons são de plástico e precisam ser importados, porque os feitos aqui no Brasil, são de cartolina. A princípio é uma espécie de régua, porém mais curta e mais larga do que uma régua normal; mede por volta de doze centímetros de comprimento por uns seis de largura. Em toda a sua volta, está impressa a escala de medida dos picotes, que podem existir para todos os selos. No ser interior, também está impresso o restante da escala. A impressão da escala é feita com tracinhos distantes uns dos outros conforme a medida do picote e, entre esses tracinhos, existem bolinhas que correspondem ao vão entre os picotes. A melhor forma de utilizar o odontômetro é vendo no catálogo quais as picotagens possíveis para determinados selos e daí procurando encaixar os selos nas várias escalas de possibilidade. A escala certa será aquela em que cada picote corresponder exatamente a um tracinho e as bolinhas ficarem bem acentadas entre um picote e outro. No começo, é um pouco cansativo e difícil examinar picotes dos selos, que estão sendo classificados, mas com a prática, tal trabalho se torna automático e, com o correr do tempo, só de olhar para o selo, já saberemos dizer em quais escalas haverá mais probabilidade de encaixá-lo certo. As escalas mais baixas correspondem aos denteados mais largos e, as escalas mais altas aos denteados mais estreitos. Escalas baixas significam poucos dentes, escalas altas mais dentes.

PAPEL JORNAL, - Para absorver a água dos selos molhados que são postos para secar. É prático, higiênico e barato. Após a secagem dos selos, pode-se guardar as folhas assim que estejam secas e reaproveitá-las várias vezes se não estiverem embebidas com algum produto químico usado na lavagem dos selos.

PINÇA, - Para pegar os selos. Para que não se corra o risco de amassar, sujar, engordurar, umedecer, e até mesmo, rasgar um selo, recomenda-se o uso da pinça. A pinça para o manuseio dos selos é especial, própria para essa finalidade, já que é feita do tamanho certo, com o molejo adequado e com as pontas indicadas para pegar selos. As pontas podem ser estreitas, arredondadas ou quadradas como pás, mas são sempre muito lisas e chatas sem qualquer ranhura ou garra como acontece com as pinças de sobrancelhas que muita gente se vê tentada a usar com seus selos. Qualquer outro tipo de pinça diferente da própria poderá, de alguma forma, agredir o selo ou dificultar o trabalho. O material ideal é o aço inoxidável. Para manusear quantidades razoáveis de selos que estão sendo estudados, já existem pinças com lentes acopladas, o que facilita muito o trabalho, pois não é preciso estar pegando lente a toda hora. As pinças (é sempre bom ter mais de uma) não devem ser usadas para qualquer outra coisa, a não ser para pegar o selo. Deve-se tomar cuidado para que permaneçam com as pontas bem lisas, sem qualquer farpa ou aspereza. A pinça usada para retirar selos da água, não deve ser usada para pegar selos secos, enquanto estiver molhada. Deve-se ter um estojinho especial para guardar as pinças.

REGUA, - Para medir os selos, riscar as magens e desenhar molduras para os selos nas folhas do álbum. Precisa ser de boa qualidade para ser bem exata.

TEREBENTINA, - Para tirar manchas de gordura ou manchas de tinta de carimbo. De boa marca, em vidro bem fechado e rotulado para não ser confundido com outros produtos. É usada com um cotonete ou pingada sobre o verso do selo que deverá estar sobre uma lâmina de vidro.

Quem está começando, não precisa se preocupar em possuir logo no início todo o material descrito nesta lista, conforme o tipo de coleção, há coisas aqui mencionadas que nem são necessárias. E, com o correr do tempo, o colecionador irá vendo o que realmente é preciso. Apenas a pinça e o classificador são obrigatórios desde o início.

O filatelista deve ter sempre em mente que em filatelia, a limpeza e a ordem são imprescindíveis e, assim, à medida que for adquirindo o seu material deverá estar certo de que haja um lugar para coisa e que cada coisa permaneça em seu lugar.

ADELGAÇADO ou AMINCI, - É quando o verso do selo está raspado ou com falta de papel em algum ponto de sua superfície. Tal defeito pode ser visto facilmente se colocarmos o selo contra a luz. Em alguns casos, se houver alguma dúvida, pode-se colocar o selo no filigranoscópio com umas gotas de benzina e, o defeito aparecerá imediatamente; até mesmo se estiver consertado.

AEROFILATELIA, - É a parte da filatelia voltada para o colecionismo e o estudo de selos e documentos postais relacionados com o correio aéreo.

AEROGRAMA, - É o nome que se dá ao formulário pronto e já franqueado para carta, feito oficialmente pelo correio e ao inteiro postal do correio aéreo.

ASSINATURA, - Menção feita na margem inferior do selo do nome do desenhista, do gravador ou do impressor.

AUTOMATO, - És uma etiqueta para postagem de Correspondência emitida por máquina eletrônica. É o também chamado selo de distribuidor que o usuário obtém inserindo moedas na máquina programada para uso, eliminando a necessidade de haver um agente de correio para fornecer os selos. Muito usado na Europa e Estados Unidos. Aqui, no Brasil, deu certo nas duas experiências que foram feitas em 1976 e em 1979.

BANDA, - Uma tira de selos unidos no sentido horizontal. Quando se tem uma banda de selos não denteados, pode-se ter a certeza da autenticidade da falta de picotagem nos selos.

BARRADO, - É o selo inutilizado com traços de carimbo paralelos, quando a sua circulação é suspensa. É um caso bastante comum nos selos da Espanha. O selo barrado perde muito do seu valor, e não fica bem numa coleção. É admitido apenas para ocupar o lugar do selos muito caros quando novos ou com carimbo de circulação.

BILHETE POSTAL, - É um cartão que trás um selo impresso no canto superior esquerdo ou dizeres que permitam que circule por si só.

BISSETO, ou BISSETADO, - Na falta de valores menores e na impossibilidade de suprir rapidamente essa falta, alguns correios usam cortar o selo em duas e, algumas vezes, em três partes para que se possa usar separadamente cada uma das partes, valendo a fração do selo seccionados.

BLOCO, - É o nome que se dá a um ou mais selos impressos numa folha especial com ou sem legendas impressas. Suas tiragens são limitadas.

A palavra "bloco" pode também designar um conjunto de selos não destacados em número maior que seis. Ao conjunto de quatro selos dá-se o nome de "quadra" e ao de seis, chamamos "sextilha".

BURELAGEM, - É o nome que se dá ao fundo trabalhado em linhas finas, sobre o qual se destaca o motivo do selo.

CABEÇA DE MARFIM, ou TETE DE IVOIRE, - É o selo em papel azulado em cujo verso se destaca o contorno do desenho em branco. No catálogo francês, o termo empregado para designar este tipo de selo é "Tete de Ivoire".

CADERNETA, - Conjunto de selos protegidos por uma capa. A finalidade da venda de cadernetas pelos correios é facilitar para que o usuário possa ter sempre a mão os selos para sua correspondência. Filatelicamente, as cadernetas são peças muito procuradas porque suas capas podem servir em coleções temáticas.

CANCELADO, - Significa anulado; é a marcaposta sobre selos novos vendidos apó a sua desvalorização pelo correio.

CANTO DATADO, ou COIN DATE, - É a quadra constituindo um canto de folha em cuja margem aparece a impressão da data da tiragem.

CARIMBO, ou MARCA POSTAL, - Marca usada pelos correios a fim de assinalar na correspondência a operação postaì e inutilizar o selo para que ele não possa ser afixado novamente em outra carta.

CARTA-BILHETE, - É, na prática, um bilhete postal duplo que pode se fechar. Isto é, como o bilhete, já vem com selo, símbolo ou dizeres impressos e, assim, pode circular já com a franquia paga no momento em que for comprada.

CARTA DESINFETADA OU PURIFICADA, - É a carta que recebeu um tratamento especial com a finalidade de livrá-la de eventuais germes e microorganismos de doenças epidêmicas.

CENSURA, - É uma etiqueta ou carimbo mencionando que a carta foi aberta e lida previamente antes de ser entregue ao destinatário. Muito usada em tempos de guerras e comoções sociais.

CENTRAGEM, - É a posição da impressão do selo dentro do espaço destinado a ele e a parte não impressa que o cerca. Um selo é bem centrado quando todas as suas margens são iguais. Os selos mal centrados são considerados como defeitos de impressão, mas não perdem parte do seu valor como querem dizer alguns. Não é um selo estragado ou mal conservado.

Há muitas emissões em que os selos são sempre encontrados mal centrados e, quando aparece algum bem centrado tem um preço maior como os Mersen da França.

CINDERELAS, - É etiqueta adesiva especificando a correspondência. Exemplo: "Aérea", "Particular", etc.

CINTA, - É um invólucro especial para o envio de jornais e revistas. Consiste numa tira larga que fecha o jornal ou revista que é dobrado no sentido do comprimento para facilitar o transporte e entrega.

COUCHÉ, - É uma espécie de papel acetinado e resistente. Sua superfície é macia e brilhante, resultante de seu preparado com uma camada de gesso. Este papel risca-se com facilidade e, se for lavado, perde a sua bela aparência. Alguns o chamam de papel porcelana.

DENTEADO, - É a perfuração ao redor do selo. Tal perfuração é feita para tornar mais fácil o trabalho de destacar os selos. As denteações assinaladas pelos catálogos correspondem à quantidade de perfurações existentes numa distância de dois centímetros de margem de um selo. A maneira mais correta de medir a denteação de um selo é com o uso do odontômetro.

DESVALORIZADO, ou DESMONETIZADO, - É o nome que se dá ao selo que não tem mais poder de franquia e, é tirado de circulação.

DUPLA IMPRESSÃO, - É quando a folha entra duas vezes na máquina no momento em que está sendo impressa.

ENSAIO, - Quando se vai escolher o desenho definitivo de um selo, são feitas várias provas dos modelos apresentados. As provas dos desenhos que não foram escolhidas são chamadas de ensaios.

ERRO, - É o selo emitido por engano com algum aspecto diferente do selo tipo. Exemplo: selo faltando alguma cor, ou com cor trocada; falta de algum detalhe; sobrecarga dupla ou invertida, etc.

ESPÉCIME, - São os selos enviados como amostras à União Postal Universal para a difusão pelos países membros ou são distribuídos para anunciar novas emissões ou fazer ofertas oficiais. Levam a sobrecarga SPECIMEN ou MUESTRA.

ESTUDO, - É uma forma de colecionar bastante interessante, pois os estudos são feitos com selos muito banais quase que sem valor filatélico, que são comprados em grandes quantidades e depois selecionados. Alguns desses estudos que foram feitos quase de graça, hoje

têm muito valor devido às classificações que encontraram para os selos. Mas é um valor muito relativo e específico, pois o selo em si não vale nada e não se pode afirmar categoricamente que um selo, por ter esta ou aquela pequena diferença, possa valer mais do que os outros, já que os estudos são todos muito individuais e, como geralmente são feitos com selos de tiragem imensa, não se pode avaliar as quantidades existentes de variedades no total da mesma por uma amostra aqui e outra ali. Um exemplo desse tipo de estudo é aquele que se faz com os nossos primeiros selos da República. Afora aquelas classificações dadas pelo catálogo de selos do Brasil e, que constam também nos catálogos universais, as outras, mesmo que contidas em catálogos especializados, devem ser consideradas como os selos tipo, pois é muito restrito o seu mercado. Os próprios colecionadores desse tipo de selos não pagam o valor das variedades não catalogadas. Na verdade, eles querem possuí-las, mas encontrando-as gratuitamente nos lotes que compram aos quilos ou milheiros, a preços muito mais baixos do que os dos selos comuns, comprados a escolha. O estudo vale mais como hobby, pois absorve bastante o colecionador e, é uma das formas mais baratas de se colecionar selos.

FAC-SIMILE, - É uma imitação do selo original e como tal é vendida. Entretanto, para que não ocorra confusão e possa passar pelo selo original, leva sempre a palavra "Fac-Simile" posta na frente mesmo ou mais discretamente no verso.

FALSO, - É a imitação do selo feita por particulares, a fim de fazê-la passar pelo selo original. Há duas espécies de falsificações : o falso postal e, o falso filatélico. O falso postal é feito para burlar o correio e franquear correspondência. Os falsos filatélicos são feitos para enganar os filatelistas e extorquir-lhes dinheiro, vendendo-os como se fossem verdadeiros. Alguns dos falsos postais têm muito mais valor do que os selos originais. Os falsos filatélicos não valem nada. Nos Estados Unidos, não só é crime vendê-los, mas também possuí-los. Os maiores alimetadores de falsários são os chamados caçadores de pechinchas, isto é, filatelistas que pretendem ter peças raras e caríssimas sem gastar muito dinheiro. O falsário ou o passador de selos falsos fareja de longe esse tipo de gente,. Normalmente, as coleções desse elementos são um perigo e, os comerciantes sérios preferem não comprá-las, pois sabem muito bem que espécies de selos possuem os caçadores de pechinchas que, a bem dizer, é quase tão pernicioso quanto o falsário no ambiente filatélico. Nos Estados Unidos, é crime negociar ou possuir selos falsos.

FIL DE SOIE, ou FIO DE SEDA, - Alguns selos são impressos num papel que contém fios de seda em sua massa, que se pode ver sob a forma de fiapinhos coloridos no verso do selo. É muito comum em selos da Suíça; mas, aqui no Brasil, também há emissões com esse tipo de papel.

FILIGRANA, - É a marca feita a água, no papel, durante a sua fabricação. Essa marca é vista colocando-se o selo contra a luz e, em alguns casos, apenas no filigranoscópio com o uso da benzina. É a filigrana que caracteriza alguns selos cujas emissões só podem ser distinguidas por ela. Como no caso da maior parte dos selos clássicos das Colônias Inglesas. A França tem um único selo com filigrana. Nos selos comemorativos do Brasil, as diferenças de filigranas ocorrem numa mesma emissão devido ao uso de papéis diferentes durante a impressão do selo. As emissões antigas regulares do Brasil são difíceis de classificar, devido à grande quantidade de papéis diferentes que usaram para imprimir o mesmo selo em diferentes períodos.

FISCAL, CARIMBO, - Alguns selos postais, na falta de estampilhas, foram usados em documentos como selos fiscais, com carimbos diferentes dos carimbos de correio ou obliterados a pena. Tais selos têm o valor bem reduzido. Alguns são difíceis de serem distinguidos; mas no caso da Inglaterra e das Colônias Inglesas é facílimo saber, pois os carimbos fiscais eram invariavelmente roxos ou azuis, com formato ovalado. Aliás o carimbo ovalado é quase uma constante nos carimbos fiscais mas é preciso saber distingui-lo de alguns de correios ferroviários.

FLAMULA, - Recorte de carimbo especial usado nas coleções temáticas.

FOLHINHA COMEMORATIVA, - É a folhinha impressa em função de alguma comemoração e, tem afixado os selos próprios da mesma comemoração com o carimbo alusivo ao que se está comemorando.

FOLHINHAS FILATELICAS, - São peças produzidas pelos correios ou entidades particulares, onde se vê selos e alegorias correspondentes aos selos e dizeres próprios aos mesmos. Geralmente, estão comemorando algo. Não têm poder de franquia.

FORMATO, - Geralmente, a maior parte dos selos é retangular, entretanto, existem selos quadrados, hexagonais, triangulares, losangulares, redondos e alguns com formato bem exótico, como os de Tonga, em forma de banana, motocicleta e outras loucuras. As dimensões de

um selo são indicadas em milímetros e abrangem apenas a gravura, excluindo a margem.

FRAGMENTO POSTAL, - Chama-se dessa forma a peça filatélica que consiste no selo ainda preso a um pedaço da carta que franqueou.

FRANQUIA MECANICA, - É o carimbo obtido na própria carta ou em tira de papel especial que o agente de correio passa pela máquina que já está programada para esse fim. A franquia mecânica elimina o uso do selo e serve para acelerar o processo de postagem de volumes muito grandes de correspondência. Algumas franquias além da tarifa impressa, têm também uma mensagem de interesse público.

GAUFRE, - Palavra francesa que se pronuncia "gofre" e, serve para designar uma espécie de papel que é passado a seco entre dois cilindros gravados e que fica com um discreto relevo quadriculado que pode ser visto ou sentido no verso do selo.

GOMA, - É a substância adesiva no verso do selo destinada a facilitar a sua afixação na correspondência. Para tanto, basta umedecer um pouco o verso do selo, onde a goma está aplicada.

GRAVADO, - Assim se diz do selo que é impresso em talhe doce. Isto subentende a existência de uma matriz em que a estampa do selo é feita em baixo-relevo bem fino para que a tinta entranhe nesses sulcos no momento da impressão dos selos. A impressão dessa maneira é muito fina e nítida, tornando o desenho perfeito. A maior parte dos selos da França são gravados.

HELIOGRAVADO, - O selo impresso sobre matrizes obtidas por meios químicos em chapas metálicas. A preparação desta matriz é feita por Isolamento; recobre-se a chapa com uma substância impermeável ao ácido e, em seguida, desenha-se com estilete o motivo do selo, retirando-se a matéria impermeável. Daí, derrama-se o ácido sobre a chapa e ele penetrará no metal, abrindo os sulcos do desenho. Esta forma de impressão é menos nítida do que a gravada e a litografada.

INTEIRO POSTAL, - Palavra que designa envelopes, cartões postais, aerogramas e cintas com o selo já impresso.

LEGENDA, - É o nome que se dá às inscrições que aparecem num selo.

LITOGRAFADO, - É o selo gravado, cuja impressão é feita com uma matriz de pedra. Este tipo de impressão é ainda mais nítida do que a

do sello gravado.

MANCOLISTA, - É a lista dos selos que faltam ao filatelista. A palavra vem do francês do verbo "manquer", que significa faltar.

MARCOFILIA, - Coleção e estudo das marcas do correio, ou seja, dos carimbos usados pelos correios.

MARGEM, - É o espaço não impresso, que enquadra um sello não denteado. Na folha de selos, é o espaço que há entre um sello e outro. Quando o espaço é pequeno, não se deve pretender que o sello tenha margens largas. Para evitar dúvidas quanto à largura das margens, o catálogo francês Yvert et Tellier trás as medidas das margens expressas por dois traços paralelos ao lado de cada sello ou série sem denteação.

MARMORIZADO, - É o papel do final da bobina que apresenta uma espécie de defeito que o torna todo lanhado como o mármore.

MILÉSIMO, - Número que indica o ano em que o sello é emitido. Pode estar na gravura do sello ou então impresso na margem da folha.

MINT, - Termo inglês especificando o sello novo em perfeito estado de conservação.

NÃO EMITIDO, - É o sello que é impresso e, uma vez pronto para entrar em circulação, por um motivo qualquer, acaba não entrando.

OBLITERAÇÃO, - É a marca ou carimbo que indica que um sello não pode mais ser utilizado para franquear correspondência. Existem emissões de determinados países que, para serem vendidas por preços muito mais baixos do que os impressos nos selos, são imediatamente obliteradas ainda em folhas. Tais selos então podem ser vendidos apenas para fins filatélicos, pois já não servem mais para franquear correspondência. É uma forma prática para o país arrecadar fundos e, ao mesmo tempo, favorecer a filatelia, tornando os preços mais acessíveis ao colecionador. Sob o ponto de vista estético, o sello assim obliterado é muito mais bonito e perfeito, mantendo até mesmo a goma original.

OFFICIEL, ou OFICIAL, - Quando esta palavra está sobre um sello de correio comum ou aéreo, indica que o sello tornou-se um sello oficial ou de serviço e, assim deve ser classificado e guardado.

OFFSET, - É um processo litográfico no qual a pedra é recoberta por uma chapa de metal de zinco, o mais maleável. A impressão sobre o

papel se faz por decalque sobre um cilindro plástico que permite o emprego de papéis pouco acetinados de custo inferior.

PAR, - Dois selos não destacados. O par horizontal vale mais do que o vertical.

PERCÊ EM LINHAS, ou CORTADO EM LINHAS, - É o nome que se dá ao selo não denteado que, durante a sua confecção é previamente cortado, ficando preso aos demais apenas por pequenos pontos de intervalo em intervalo. Pode ser distinguido facilmente do selo não denteado porque o selo percê em linhas apresenta ao seu redor a irregularidade característica das interrupções do corte pelos pontos de ligamento.

PLANCHAS, - É o conjunto de clichês geralmente de um mesmo valor, sobre os quais são impressas as folhas de selos. Quando essas planchas são numeradas, o mesmo número se reproduz sobre todos os selos da folha. Recompor uma folha por plancha significa juntar todos os selos com o mesmo número. Esses números vêm impressos de forma minúscula e bem disfarçados normalmente em uma das laterais do selo em questão. Em alguns dos selos da Inglaterra, ainda existem letras maiúsculas impressas no canto dos selos e, conforme for a combinação dessas letras será o lugar do selo na folha. E justamente deste tipo de selos que os filatelistas gostam de recompor as folhas. Os primeiros selos do Japão apresentam diferenças bem marcantes entre todos os selos de uma mesma emissão, porque as planchas eram montadas com clichês feitos a mão, um por um, isoladamente.

PONTILHADO, - É o papel que apresenta, quando visto contra a luz, uma espécie de malha de pequenos pontos formando pequenos losangos.

POROSO, - É o papel com a trama aparente, opaco e, geralmente, um pouco mais espesso do que o papel liso.

POSTAL-MÁXIMO, - É uma peça filatélica composta por um bilhete postal ilustrado com um motivo relacionado com o desenho do selo e o carimbo postal, que o inutiliza também com os dizeres e o desenho relacionado com o motivo do selo.

PRECURSORES, - São os carimbos que foram usados nas cartas antes da existência do selo postal.

PROVA, - Depois que se escolhe o desenho do selo que será emitido, é feita a gravura da matriz e com ela serão impressos vários tipos de papel, também com várias cores, para que se escolha qual o melhor para a impressão

definitiva do selo.

PROVA DE LUXO, - É a prova feita com a finalidade de ser oficialmente oferecida por ocasião da emissão do selo. A França tem muitas delas catalogadas.

PROVISORIO, SELO / EMISSÃO, - Esta palavra é usada em sobrecarga, ocasionalmente, para suprir a falta de um ou mais valores durante um certo espaço de tempo até ser substituída pela emissão definitiva.

REIMPRESSÃO, - H dois tipos de reimpressão. O primeiro tipo é a tiragem feita com a matriz de selos que não estão mais em circulação. Não são oficiais e são feitas com a finalidade de vender a filatelistas. Isso aconteceu muito com os primeiros selos de Portugal, de alguns países da América Latina, cujos selos eram impressos nos Estados Unidos e, por contrato, ficava definido que a casa impressora ficaria com as matrizes e poderia fazer novas tiragens dos selos e vendê-los particularmente. Isso acabou, já não é mais permitido que se faça esse uso das matrizes dos selos. O segundo tipo de reimpressão é oficial; é a reedição de um selo com uma nova matriz. Podemos dizer que são novas emissões ou tiragens. Esses selos que se repetem em várias tiragens são motivo de estudos interessantíssimos por parte dos colecionadores mais profundos que se especializam em classificar minúcias das diferenças entre as várias tiragens.

SELO FISCAL POSTAL, - É o nome que se dá aos selos fiscais que também serviram para franquear correspondência, na falta dos selos postais.

SELO NOVO, - É o selo que não for usado para franquear correspondência. Assim permanece intacto, sem carimbo e com a goma.

SELO USADO, - É o selo que cumpriu sua missão, franqueou a correspondência e for anulado pelos correios por meio de marca postal.

SERIE, - É o nome que se dá ao conjunto de selos emitidos ao mesmo tempo e dedicados ao mesmo assunto.

SERIE CURTA, - É a série incompleta na qual falta sempre valores mais altos e portanto os mais caros da série o que a torna multíssimo mais barata do que a série completa. É a forma preferida das crianças colecionarem, pois dessa maneira podem ter a maior parte de uma série sem gastar muito e dessa maneira podem ter uma grande quantidade de séries dentro dos seus restritos orçamentos. Como se trata de um passa-tempo, não há importância

alguma que essa coleção valha bem pouco, de antemão já se sabia que não iria se valorizar nunca, pois selos baratos serão sempre selos baratos. O mais importante é tudo quanto se pode fazer com tais séries e as bonitas coleções que se pode montar com elas.

**SOBRECARGA**, - É a inscrição apostada a um selo que irá dar a ele um caráter diferente daquele que ele tem sem a sobrecarga ou confere ao selo um valor diferente ou faz circular selos que já haviam sido retirados de circulação, utilizando-o em períodos de tempo diferentes.

**SOBRETAXA**, - Pode ser uma sobrecarga apostada ao selo alterando-lhe o valor facial ou então já vem impressa no selo, cobrando uma quantia a mais que não serve para portear a carta mas cujo valor arrecadado reverte para alguma finalidade específica. Este tipo de sobretaxa pode ser visto nos selos da Suíça das séries Pró Pátria, ou Pró-Juventude, que são emitidas anualmente.

**TETE-BECHE**, - São dois selos não destacados em que um está posicionado no sentido inverso do outro. Os tete-beches podem ser na horizontal ou vertical. Nos selos da Suíça e de Israel há vários tete-beches.

**TINTADO**, - Falamos em papel tintado quando nos referimos ao papel que recebe uma tinta de fundo na cor do selo bem enfraquecida, antes da impressão do mesmo. É preciso tomar muito cuidado com as falsificações existentes dos selos brasileiros antigos com a cabeça de D. Pedro. São fáceis de se falsificar e custam bem mais do que os selos impressos em papel branco.

**TIPOGRAFADO**, - Diz-se que um selo é tipografado quando ele é impresso com clichês em alto relevo. Assim, o selo não apresenta o ligeiro alto relevo dos selos gravados à nem a mesma nitidez.

**TIRAGEM**, - É a quantidade total de exemplares impressos de um mesmo selo.

**VALOR FACIAL**, - É o valor impresso no selo que corresponde ao valor da tarifa em moeda corrente.

**VARIEDADE**, - Selo que apresenta alguma diferença em relação ao selo considerado tipo. As diferenças podem ser de papel, de picotagem, de tonalidade de cor, etc. As variedades aconteciam frequentemente devido às más programações na separação do material a ser utilizado ou a tecnologia pouco desenvolvida. Hoje em dia, já é difícil acontecer tais falhas e são raros os selos modernos que apresentam variedades. Quanto mais antigo, mais fácil é de se encontrar muitas variedades de um mesmo selo. Há emissões, como a do Brasil

de 1864, a dita Madrugada Republicana, em que os selos parecem todos diferentes e o difícil é encontrar dois iguais, porque foram impressos de maneira muito precária e sem qualquer cuidado. Pode-se até dizer que todos os selos de uma mesma tiragem são variedades entre si.

VERGÉ, ou AVERGOADO, - É um tipo de papel que posto contra a luz ou na benzina, mostra linhas horizontais ou verticais e ainda algumas vezes losangos.